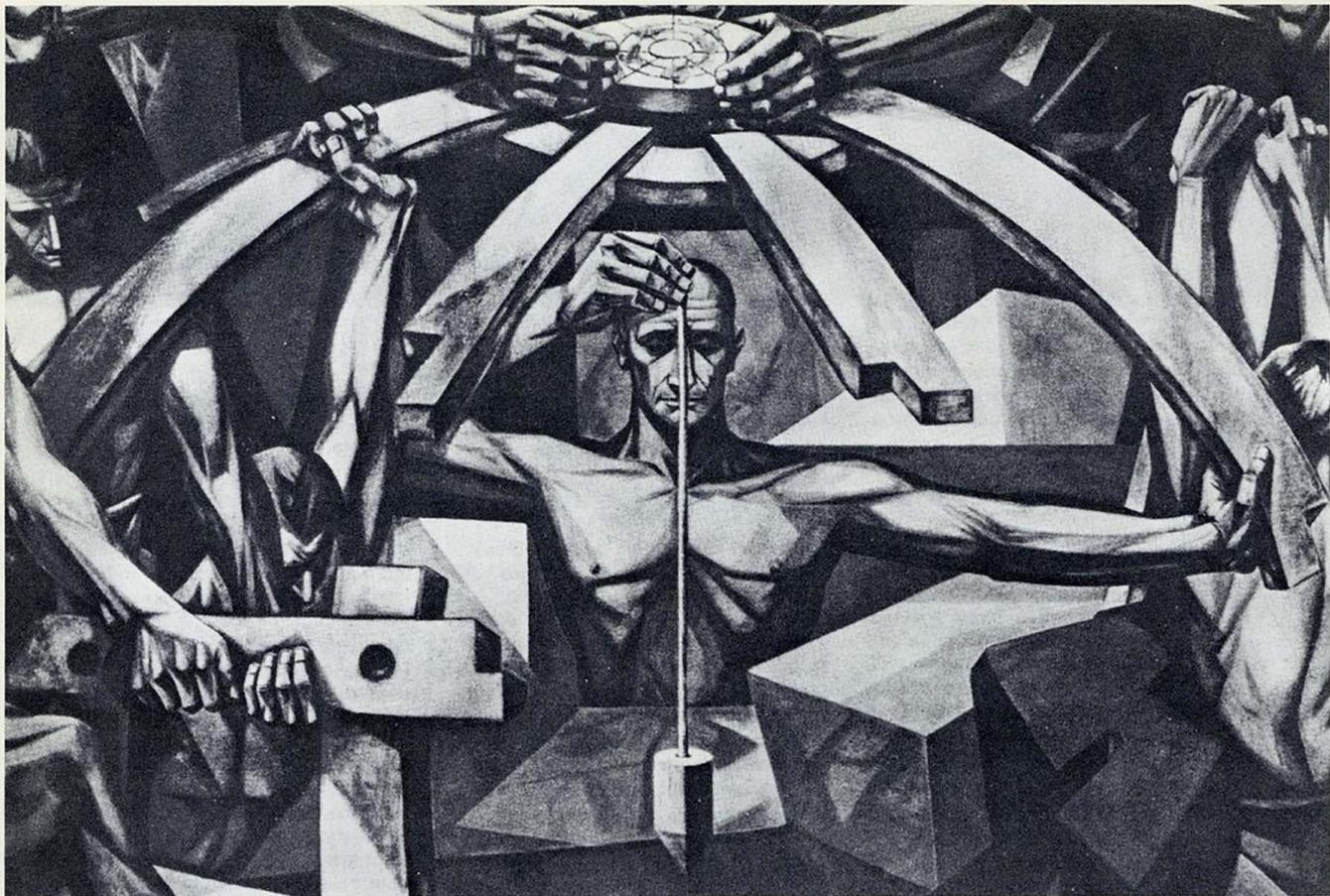


INTERNATIONAL

# FÁTIMA-50

Ano I N°10 13/Fevereiro/1968





## ESTAS MENSAGENS DE PAZ

*«É preciso falar sempre de Paz. É preciso ensinar o Mundo a amar a Paz, a construí-la e a defendê-la; e, contra as premissas de guerra que continuamente renascem (emulações nacionalistas, armamentos, provocações revolucionárias, de ódio de raças, espírito de vingança, etc.) e contra as insídias de um pacifismo tático, que narcotiza o adversário que se pretende abater, ou faz desaparecer, gradualmente, nos espíritos, o sentimento da justiça, do dever e do sacrifício, é preciso despertar, nos homens do nosso tempo e das gerações vindouras, o sentido e o amor da Paz, fundada na verdade, na justiça, na liberdade e no amor».*

*Secundando os desejos do Papa, continuamos a falar da Paz. Já por diversas vezes demos à Paz, nesta revista, o lugar de relevo*

*que o assunto merece e não só por isso mas também por a Paz ser como que o resumo da Mensagem de Fátima ou, melhor, a consequência natural da Mensagem de Fátima: «Penitência e Oração».*

*Se tivéssemos alguma dúvida sobre a legitimidade desta conclusão que nos não cansamos de repetir, bastar-nos-ia recordar as palavras acima transcritas, do apelo do Papa Paulo VI a todos os homens de boa vontade, exortando-os a celebrar o «Dia da Paz». Ali lemos: «necessidade de despertar nos espíritos, novamente, o sentido da justiça, do dever e do sacrifício...» Não é isto o que a Senhora nos pede ao recomendar-nos a «Penitência»? O sentido do dever, do sacrifício, da justiça... No passado número publicámos uma conferência na qual o seu autor,*

Pintura mural, no edifício das Nações Unidas—Nova Iorque, representando a cooperação dos homens na luta pela justiça e pela paz. — Obra do artista espanhol José Vela Zanetti. — Fot. publicada no "Correio da Unesco".



partindo de uma frase de certa carta de Lúcia — «O sacrifício de cada qual exige o cumprimento do seu próprio dever e a observância da minha lei. Esta é a penitência que Eu, agora, peço e exijo...» (Carta de Lúcia de 28 de Fevereiro de 1943) — nos expõe, em pormenor, pelo que recomendamos uma nova leitura, como o cumprimento do dever do próprio estado de cada um é a autêntica penitência que Nosso Senhor nos pede nas palavras de Sua Mãe em Fátima.

E o dever de cada qual compreende igualmente este dever de contribuir para a Paz, realizando-a em si mesmo e, seguidamente, no Mundo, em toda a Sociedade.

Por outro lado, Paulo VI, citando a célebre expressão de João XXIII que, por sua vez é uma condensação do pensamento de Pio XII, diz-nos que a Paz «se funda na Verdade, na Justiça, na Liberdade e no Amor». Qualquer dessas entidades se pode traduzir por «Penitência» e esta pode traduzir-se, sempre, por qualquer dessas entidades.

Estas mensagens de Paz, uma só repetida de diversos modos, em sucessivos tempos e diferentes lugares, não podem ficar escritas «numa falsa retórica de palavras bem aceites por corresponderem às profundas e genuínas aspirações dos homens» e sobre elas «basear a Paz», como diz Paulo VI. Devem saltar do escrito ao querer decidido dos homens, pois só desse modo a Paz será realidade. Se as escrevemos de novo, se as repetimos é, precisamente, para fazer delas o substrato do nosso pensamento, de uma ideia que deve dominar-nos para se transformar em acção, acção de Paz, uma vez que a Paz é activa e uma conquista que devemos fazer todos os dias.

Neste número publicamos mais duas mensagens de Paz de Paulo VI que ainda não tinham tido lugar na nossa revista: o discurso pronunciado na Sede das Nações Unidas, em 4 de Outubro de 1965 e o discurso aos Padres Conciliares no dia seguinte. Ambos são conhecidos, mas convém recordá-los novamente.

Os nossos leitores e todos os devotos de Nossa Senhora de Fátima não podem esquecer nenhuma destas mensagens sob pena de não serem coerentes com a sua devoção, sendo ela sincera como julgamos que o é. Devemos cumprir a Mensagem de Fátima se queremos que Nossa Senhora nos alcance a Paz que nos prometeu e, por isso, temos de conhecê-la bem e saber como ela se cumpre nas circunstâncias particulares do Mundo em que vivemos.

O. F.

# FÁTIMA-50

INTERNATIONAL

Ano I-Nº 10 13/Fevereiro/1968

REVISTA MENSAL DE ACTUALIDADES,  
DOCUMENTAL E ILUSTRADA  
(ESPAÑOL, FRANÇAIS, ENGLISH)

Editor e Director: Cón. Dr. JOSÉ GALAMBA DE OLIVEIRA	
Chefe de Redacção: Dr. MÁRIO MANUEL D'OLIVEIRA FIGUEIREDO	
Propriedade do SANTUÁRIO DE FÁTIMA	
Direc. Literária e Artística: MÁRIO DE FIGUEIREDO	
Redacção, Administração e Publicidade: SANTUÁRIO DE FÁTIMA • Telef. 97468	
PREÇÁRIO (pagamento adiantado): Assinatura anual (12 números) — 100\$00 — Exemplar avulso: 10\$00 Ultramar, Espanha e Brasil — Assinatura anual: 120\$00 Outros países — Assinatura anual: 130\$00 PRIX D'ABONNEMENT - 12 numeros (un an): 130\$00 Les paiements peuvent être effectués en devises étrangères au taux du jour. SUBSCRIPTION RATES - Series of 12 copies (1 year): 130\$00 — Payment may be made in any currency at rate of exchange of the day. SUSCRIPCIÓN ANUAL: 120\$00. El pago puede hacerse efectivo mediante giro postal o cheque bancario.	
<b>NESTE NÚMERO :</b>	
<b>ACTUALIDADES</b>	
Peregrinações .....	18
O Mundo em Fátima .....	20
Fátima no Mundo.....	34
<b>DOCUMENTOS</b>	
Para a edificação da Paz, discurso de Paulo VI na O. N. U.....	4
A Paz, missão da Igreja, discurso de Paulo VI aos Padres Conciliares .....	10
<b>COLABORAÇÕES</b>	
As aparições marianas no ambiente ecuménico .....	12
As promessas de Nossa Senhora em Fátima.....	22
O Rosário pela Bíblia .....	28
<b>TESTEMUNHOS</b>	
Estas mensagens de Paz .....	2
Fala Manuel dos Santos, irmão da vidente Lúcia .....	20
<b>ILUSTRAÇÕES</b>	
Fotos a cores, de Mário de Figueiredo: fotos a preto e branco, de «MARINHO»	
<b>RESUMOS</b>	
Resúmenes — Résumés — Summary .....	31
Aceita-se publicidade, seleccionada. Preços a combinar.	
«FÁTIMA-50» declina toda a responsabilidade sobre os originais que não forem solicitados directamente. Não obstante agradece toda a colaboração espontânea que, se for conveniente, será devidamente retribuída.	
Composto e impresso por GRIS, IMPRESSORES, S.A.R.L., Lisboa/Cacém.	

# PARA A EDIFICAÇÃO DA PAZ

...CHEGOU O TEMPO DA «CONVERSÃO»

## Discurso de Paulo VI na sede da O. N. U.

4 DE OUTUBRO DE 1965

No momento de tomar a palavra perante este auditório único no Mundo, queremos exprimir, em primeiro lugar, a Nossa profunda gratidão ao Sr. Thant, vosso secretário-geral, que Nos quis convidar a fazer uma visita às Nações Unidas, por ocasião do vigésimo aniversário desta instituição mundial para a paz e a colaboração entre os povos de toda a Terra.

Obrigado, igualmente, ao presidente da Assembleia Geral, Sr. Amintore Fanfani que, desde o dia em que assumiu o cargo, Nos tem dirigido tantas palavras amáveis.

Obrigado a todos vós, aqui presentes, pelo vosso caloroso acolhimento. A cada um de vós, apresentamos a Nossa saudação cordial e deferente. A vossa amizade convidou-nos e admitiu-nos nesta reunião, e é como amigo que Nos apresentamos perante vós.

Além da nossa homenagem pessoal, trazemo-vos a do segundo Concílio Ecuménico do Vaticano, actualmente reunido em Roma, e do qual os Cardeais que nos acompanham são os eminentes representantes.

Em seu nome, como no Nosso, desejamo-vos honra e saúde.

Este encontro, como estais todos bem conscientes, reveste-se de um duplo carácter: está repleto, ao mesmo tempo, de simplicidade e de grandeza. De simplicidade, porque aquele que vos fala é um homem como vós e é vosso irmão, e mesmo um dos mais pequenos entre vós, que representais Estados soberanos, enquanto ele não representa — se quereis considerar-Nos deste ponto de vista — senão uma minúscula e quase simbólica soberania temporal: a mínima

que se torna necessária para poder exercer livremente a sua missão espiritual, e assegurar àqueles que com ele têm de lidar que não se encontra dependente de nenhuma das soberanias deste Mundo. Ele não tem qualquer poder temporal, qualquer ambição de entrar em competição convosco. De facto, Nós nada temos a pedir, nenhuma exigência a fazer, mas apenas um desejo a formular, uma permissão a solicitar: a de vos poder servir naquilo que cabe no âmbito da Nossa competência, com desinteresse, com humildade e amor.

Tal é a primeira declaração que temos a fazer. Como vedes, ela é tão simples que pode parecer insignificante a esta Assembleia, habituada a tratar de negócios extremamente importantes e difíceis.

E, todavia, Nós vos afirmamos, e vós todos o sentis, que este momento se reveste de uma singular grandeza: ele é grande para Nós, ele é grande para vós.

Para Nós, em primeiro lugar. Oh! bem sabeis quem Nós somos e, qualquer que seja a vossa opinião sobre o Pontífice Romano, conheceis a Nossa missão: somos portador de uma mensagem para toda a Humanidade. E somo-lo, não apenas em nosso nome pessoal e em nome da grande família católica, mas também em nome dos irmãos cristãos que compartilham dos sentimentos que aqui manifestamos e, especialmente, daqueles que quiseram encarregar-Nos explicitamente, de sermos o seu intérprete. E como o mensageiro que, ao cabo de longa viagem, entrega a carta que lhe foi confiada, assim Nós temos a consciência de viver o momento privilegiado — por muito breve que ele seja — em que se cumpre um voto que trazemos no coração há perto de vinte séculos. Sim, recordai-vos. Já há muito que nos pusemos a caminho e, trazendo connosco uma longa história, celebramos aqui o epílogo de laboriosa peregrinação em busca de um colóquio com o Mundo inteiro, desde o dia em que Nos foi ordenado: «Ide e levai a boa nova a todas as nações». Ora, sois vós que representais todas as nações.

Deixai-Nos dizer que trazemos para todos uma mensagem. Sim, uma feliz mensagem para entregar a cada um de vós.

A Nossa mensagem quer ser, antes de mais, uma ratificação moral e solene desta elevada instituição. Esta mensagem vem da Nossa experiência histórica. É como «técnico em humanidade» que Nós trazemos a esta Organização o sufrágio dos nossos últimos predecessores, o de todo o Episcopado Católico e o Nosso, convencidos, como Nós o estamos, de que esta Organização representa o caminho obrigatório da civilização moderna e da paz mundial. Ao dizer isto, Nós temos consciência de fazer Nossa quer a voz dos mortos quer a voz dos vivos: dos mortos caídos nas terríveis guerras do passado, sonhando com a concórdia e a paz do Mundo — dos vivos que lhes sobreviveram, e antecipadamente condenam nos seus corações os que tentassem renová-las — de outros vivos ainda: as jovens gerações de hoje, que avançam confiantes, esperando com razão uma humanidade melhor.

Fazemos também Nossa a voz dos pobres, dos deserdados, dos infelizes, dos que aspiram à justiça, à dignidade de viver, à liberdade, ao bem-estar e ao progresso. Os povos voltam-se para as Nações Unidas como para a última esperança da concórdia e da paz: Nós ousamos trazer aqui, com o Nosso, o o seu tributo de homenagem e de esperança. E eis porque para vós também este momento é grande.

Nós o sabemos, vós estais disso plenamente conscientes. Escutai agora a sequência da nossa mensagem. Ela está inteiramente voltada para o futuro. O edifício que vós construístes jamais deve cair em ruínas: deve ser aperfeiçoado e adaptado às exigências que a História do Mundo apresentará. Vós marcais uma etapa no desenvolvimento da Humanidade: de agora em diante, é impossível recuar, é preciso avançar.

À pluralidade dos Estados, que já não podem ignorar-se uns aos outros, vós propondes uma forma de coexistência extremamente simples e fecunda. Ei-la: em primeiro lugar, reconheceis e distinguís uns e outros. É certo que não conferis a existência aos Estados, mas qualificais de ter como digna de ter assento

na Assembleia ordenada dos povos cada uma das nações.

Dais um reconhecimento de alto valor moral e jurídico a cada comunidade nacional soberana e garantis-lhes uma honrosa cidadania internacional. É já um grande serviço prestado à causa da Humanidade: bem definir e honrar os súbditos nacionais da comunidade mundial. Estabelecê-los numa condição jurídica que lhes vale o reconhecimento e o respeito de todos, e de onde pode derivar um sistema ordenado e estável de vida internacional. Sancionais o grande princípio de que as relações entre os povos devem ser reguladas pela razão, pela justiça, o direito e a negociação, e não pela força, nem pela violência, nem pela guerra, assim como também não pelo medo ou pelo logro.

É assim que isso deve ser. E permiti que Nós vos felicitemos por terdes tido a sabedoria de abrir o acesso desta Assembleia aos povos jovens, aos Estados que desde há pouco atingiram a independência e a liberdade nacionais — a sua presença é aqui a prova da universalidade e da magnanimidade que inspiram os princípios da vossa Instituição.

O vosso estatuto vai mais longe ainda: e a Nossa mensagem avança com ele. Vós existis e trabalhais para unir as nações, para associar os Estados. Adoptemos a fórmula: para harmonizar uns com os outros. Vós sois uma associação. Vós sois uma ponte entre os povos. Vós sois uma rede de relação entre os povos. Estaríamos tentados a dizer que a vossa característica reflecte de certa maneira na ordem temporal o que a Nossa Igreja católica que ser na ordem espiritual: única e universal. Nada pode conceber-se de mais elevado, no plano natural, na construção ideológica da Humanidade. A vossa vocação é de fazer confraternizar, não alguns povos, mas todos os povos. Empresa difícil? Sem dúvida alguma. Mas tal é a empresa, tal é a vossa nobre empresa. Quem não vê a necessidade de chegar assim progressivamente a instaurar uma autoridade mundial capaz de poder agir eficazmente no plano jurídico e político?

Aqui ainda repetimos o Nosso desejo: prossegui. Nós diremos mais: agi de maneira a trazer de novo para entre vós os que se tenham afastado de vós — es-

tudai o meio de chamar ao vosso pacto de fraternidade, na honra e com lealdade, os que ainda dele não partilham.

Agi de maneira que os que ainda estão fora desejem e mereçam a confiança comum, e sêde então generosos a concedê-la.

E vós, que tendes a oportunidade e a honra de ter assento nesta Assembleia da comunidade pacífica escutai-Nos: esta confiança mútua que vos une e vos permite operar boas e grandes coisas, agi de maneira que ela jamais seja atingida, que ela jamais seja traída.

A lógica deste desejo que pertence, pode dizer-se, à estrutura da vossa Organização, leva-nos a completá-lo com outras fórmulas. Ei-las: que ninguém, como membro da vossa união, seja superior aos outros; nenhum acima do outro. É a fórmula da igualdade. Nós sabemos, é certo, que há outros factores a considerar além do simples facto de pertencer ao vosso Organismo. Mas a igualdade também faz parte da sua constituição: não que vós sejais iguais, mas aqui vós tornais-vos iguais. E pode acontecer que, para alguns de entre vós, seja um acto de grande virtude, permiti que Nós vo-lo digamos, Nós o representante de uma Religião que opera a salvação pela humildade. Porque é o orgulho, por mais inevitável que possa parecer, que provoca as tensões e as lutas do prestígio, do predomínio, do colonialismo, do egoísmo: é ele que quebra a fraternidade.

E aqui a Nossa mensagem atinge o seu cume. Negativamente, em primeiro lugar. É a palavra que vós esperais de Nós e que Nós não podemos pronunciar sem estar conscientes da sua gravidade e da sua solenidade: jamais uns contra os outros, nunca, nunca mais. Não foi sobretudo com esta finalidade que nasceu a Organização das Nações Unidas: contra a guerra e para a paz? Escutai as palavras lúcidas de um grande desaparecido, John Kennedy, que proclamava, há quatro anos: «A humanidade deverá pôr fim à guerra que porá fim à humanidade». Não são necessários grandes discursos para proclamar a finalidade suprema da vossa Instituição. Basta recordar que o sangue de milhões de homens, os sofrimentos espantosos e inumeráveis, os inúteis massacres e as aterradoras ruínas sancionam o pacto que vos une, num juramento que deve

mudar a história futura do Mundo: nunca mais a guerra, nunca mais a guerra. É a paz, a paz que deve guiar o destino dos povos e de toda a humanidade.

Obrigado a vós, glória a vós, que desde há vinte anos trabalhais pela paz, e que destes mesmo a esta santa causa ilustres vítimas; obrigado a vós e glória a vós pelos conflitos que tendes impedido e por aqueles que vós regulastes. Os resultados dos vossos esforços a favor da paz, até estes últimos dias, merecem, mesmo se não são ainda decisivos, que Nósousemos tornar-nos intérprete do Mundo inteiro e vos exprimamos em seu nome felicitações e gratidão.

Vós tendes, senhores, realizado e vós realizareis uma grande obra: ensinai a paz aos homens. A ONU é a grande escola onde se recebe esta educação, e nós estamos aqui na Aula Magna desta escola. Quem quer que aqui tome lugar torna-se aluno na arte de construir a paz. E quando sairdes desta sala, o Mundo olha para vós como para os architectos, os constructores da paz.

A paz, vós o sabeis, não se constrói somente pela política e pelo equilíbrio das forças e dos interesses. Ela constrói-se com o espírito, as ideias, as obras da paz. Vós trabalhais nesta grande obra. Mas não estais ainda senão no começo da vossa tarefa. Chegará um dia o Mundo a mudar a mentalidade particularista e belicosa que até agora tem tecido uma tão grande parte da sua história? É difícil prevê-lo. Mas é fácil afirmar que é necessário meter-se resolutamente a caminho para a nova história, a história pacífica, aquela que será verdadeiramente e plenamente humana, aquela que Deus prometeu aos homens de boa-vontade. Os caminhos estão traçados diante de vós: o primeiro é o desarmamento.

Se vós quereis ser irmãos, deixai cair as armas de vossas mãos. Não se pode amar com armas ofensivas nas mãos. As armas, sobretudo as terríveis armas que a ciência moderna vos deu, antes mesmo de causarem vítimas e ruínas, engendram maus sonhos, alimentam sentimentos, criam pesadelos, desconfianças, sombrias resoluções. Exigem enormes despesas. Detêm os objectivos de solidariedade e de útil trabalho. Falseiam a psicologia dos povos.

Enquanto o homem permanecer o ser fraco, inconstante, e mesmo mau como

se mostra tantas vezes, as armas defensivas serão, infelizmente, necessárias. Mas vós, a vossa coragem e o vosso valor levam-vos a estudar os meios de garantir a segurança da vida internacional sem recorrer às armas; eis uma finalidade digna dos vossos esforços, eis o que os povos esperam de vós. Eis o que é preciso obter, e para isso é necessário que aumente a confiança unânime nesta Instituição, que aumente a sua autoridade, e então a finalidade — podemos ter esperança — será atingida. Ganhareis assim o reconhecimento dos povos, aliviados de pesadas despesas de armamentos, e libertos do peso da guerra sempre eminente.

Nós sabemos — e como não Nos alegrarmos com isso? — que muitos de entre vós consideram favoravelmente o convite que lançámos a todos os Estados a favor da causa da Paz, em Bombaim, em Dezembro último: consagrar ao benefício dos países em vias de desenvolvimento ao menos uma parte das economias que podem ser realizadas graças à redução dos armamentos. Renovamos aqui esse convite, com a confiança que Nos inspiram os vossos sentimentos de humanidade e de generosidade.

Falar de humanidade, de generosidade, é fazer eco de um outro princípio constitutivo das Nações Unidas, o seu cume positivo: não é apenas para conjurar os conflitos entre os Estados que aqui se trabalha — é para tornar os Estados capazes de trabalhar uns para os outros. Não vos contentais com facilitar a coexistência entre as Nações: dais um muito maior passo em frente, digno do Nosso elogio e do Nosso apoio, organizais a colaboração fraternal dos povos. Aqui instaura-se um sistema de solidariedade, que faz com que elevadas finalidades, no sentido da civilização, recebam o apoio unânime e ordenado de toda a família dos povos, para o bem de todos e de cada um. É o que há de mais belo na Organização das Nações Unidas, é o seu rosto humano mais autêntico — é o ideal com que sonha a Humanidade na sua peregrinação através do tempo — é a maior esperança do Mundo — ousaremos dizer: é o reflexo do desígnio de Deus — desígnio transcendente e pleno de amor — para o progresso da sociedade humana sobre a terra, reflexo em que Nós vemos a

mensagem evangélica, de celeste, fazer-se terrestre. Aqui, com efeito, parece-nos ouvir o eco da voz dos nossos predecessores, e principalmente a do Papa João XXIII, cuja mensagem de «Pacem in Terris» encontrou entre vós uma ressonância tão honrosa e tão significativa.

O que vós proclamais, aqui, são os direitos e os deveres fundamentais do homem, a sua dignidade, a sua liberdade e antes de tudo a liberdade religiosa. Sentimos que vós sois os intérpretes do que há de mais alto na sabedoria humana, diríamos quase: o seu carácter sagrado. Porque é, antes de tudo, da vida do homem que se trata, e a vida do homem é sagrada: ninguém pode ousar atentar contra ela. É na vossa assembleia que o respeito da vida, mesmo no que se refere ao grande problema da natalidade, deve encontrar a sua mais alta profissão e a sua mais racional defesa. A vossa tarefa é agir de modo que o pão seja abundante à mesa da Humanidade, e não favorecer um «controlo» artificial dos nascimentos, que seria irracional, com a finalidade de diminuir o número dos convivas ao banquete da vida.

Mas não basta alimentar os esfomeados: ainda é preciso assegurar a cada homem uma vida conforme à sua dignidade. E é o que vós vos esforçais por fazer. Não será realização, sob os Nossos olhos, graças a vós, do anúncio profético que tão bem se aplica à vossa instituição: «Eles fundirão as suas espadas para com elas fazer charruas e as suas lanças para delas fazer foices» (Is. 2, 4)? Não usais vós as prodigiosas energias da terra e as magníficas invenções da ciência já não como instrumentos de morte, mas como instrumentos de vida para a humanidade?

Nós sabemos com quanta intensidade e com quanta eficácia crescentes a Organização das Nações Unidas e os organismos mundiais que dela dependem trabalham para auxiliar os governos que deles necessitam para acelerar o seu progresso económico e social. Nós sabemos com quanto ardor vós vos dedicais a diminuir o analfabetismo e a espalhar a cultura no Mundo. A dar aos homens uma assistência sanitária apropriada e moderna. A colocar ao serviço do homem os maravilhosos recursos da ciência, da técnica, da organização: tudo

isso é magnífico e merece o elogio e apoio de todos, incluindo o Nosso.

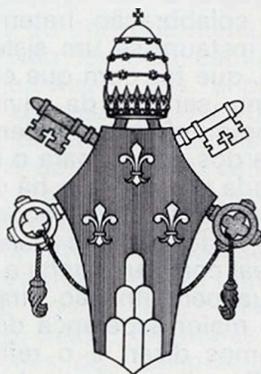
Nós queríamos também dar o exemplo, mesmo se a pequenez dos Nossos meios impede de lhes apreciar o alcance prático e quantitativo: Nós queremos dar às Nossas instituições um novo desenvolvimento contra a fome do Mundo e a favor das suas principais necessidades: é assim, e não de outro modo, que se constrói a paz.

Uma palavra ainda, senhores, uma última palavra: este edifício que vós construís não assenta em bases puramente materiais e terrestres, porque então seria um edifício construído sobre a areia. Assenta, antes de tudo, sobre as nossas consciências. Sim, chegou o momento da «conversão», da transformação pessoal, da renovação interior. Devemos habituar-nos a pensar o homem de uma maneira nova. De uma maneira nova também a vida comunitária dos homens, de uma maneira nova enfim os caminhos da História e os destinos do Mundo, segundo a palavra de S. Paulo: «Revestir o homem novo criado segundo Deus na justiça e na santidade da verdade» (Ef. 4, 23). Eis chegada a hora em que se impõe uma pausa, um momento de recolhimento, de reflexão, quase de oração: pensar de novo na

nossa comum origem, na nossa história, no nosso destino comum.

Nunca, como hoje, numa época marcada por tal progresso humano, foi tão necessário o apelo à consciência moral do homem. Porque o perigo não vem, nem do progresso, nem da ciência que, bem utilizados, poderão, pelo contrário, resolver um grande número dos graves problemas que assaltam a humanidade. O verdadeiro perigo está no homem que dispõe de instrumentos sempre cada vez mais poderosos, aptos para a ruína como para as mais elevadas conquistas.

Numa palavra, o edifício da civilização moderna deve construir-se sobre princípios espirituais, os únicos capazes não apenas de o sustentar, mas também de o iluminar e de o animar. E esses indispensáveis princípios de sabedoria superior não podem repousar — é a Nossa convicção, vós o sabeis — senão na fé em Deus. O Deus desconhecido de que fala S. Paulo aos atenienses no areópago? Desconhecido daqueles que, contudo, sem de tal suspeitarem, O procuravam e O tinham próximo deles, como acontece a tantos homens do nosso século? ... Para nós, porém, e para todos aqueles que acolhem a inefável revelação que Cristo nos fez, é o Deus vivo, o Pai de todos os homens.



# A PAZ MISSÃO DA IGREJA



# A PAZ, MISSÃO DA IGREJA

A IGREJA CATÓLICA  
TOMOU SOBRE SI  
A GRAVE OBRIGAÇÃO  
DE SERVIR  
A CAUSA DA PAZ  
PORQUE,  
ATRAVÉS  
DA NOSSA PALAVRA,  
SOLENEMENTE  
ANUNCIOU ADVOGAR  
ESSA CAUSA

ALOCUÇÃO DE PAULO VI AOS  
PADRES CONCILIARES, NO SEU  
REGRESSO DA O. N. U.

5 DE OUTUBRO DE 1965

Veneráveis Irmãos. A viagem que empreendemos através do oceano, findou agora — graças a Deus com êxito — no ponto exacto onde começou. Levámos à Assembleia das Nações Unidas a mensagem de salvação e paz que este sagrado Concílio nos confiou. Ali falámos aos membros do grande organismo internacional, que representa mais de 100 países do Mundo encorajando a sua comum intenção de concórdia e paz exortando-os a prosseguir o trabalho que iniciaram há vinte anos para eliminar a guerra, para resolver todos os conflitos entre os povos, de forma honrosa, e remediarem as necessidades e os males que continuam a impedir o progresso harmonioso da civilização, lembrando bem que, para se completar tão grave e longa tarefa, se torna necessário tomar como base a sabedoria que deriva de Deus, e que nos foi dada por Cristo.

Não temos necessidade de vos dizer de que maneira amável fomos recebidos nem da deferência com que fomos ouvidos ou de vos falar da emoção popular que Nos rodeou e da profunda afeição que Nos foi demonstrada pelos amáveis e fiéis filhos da metrópole norte-americana, porque todos esses fac-

tos — largamente divulgados e ilustrados pelas imagens da televisão — são tão do vosso conhecimento como se tivéssemos sido testemunhas desse acontecimento duplamente notável: primeira visita de um Pontífice Romano à terra que Cristóvão Colombo descobriu e abriu à civilização há cerca de cinco séculos, e o primeiro encontro que um sucessor de Pedro e Vigário de Cristo teve a fortuna de ter com os representantes de quase todos os povos da Terra, reunidos ali e ouvindo atentamente a palavra do Chefe da Igreja católica.

Extremamente rápida foi a Nossa viagem, extremamente breve a Nossa presença naquele continente, mas o objectivo da Nossa presença ali foi, na verdade, digno do nosso interesse — a causa da paz no Mundo.

Agradecemos ao Senhor, veneráveis irmãos, termos tido o privilégio de anunciar a mensagem da paz, de certo modo, a todos os homens da Terra. Nunca este anúncio evangélico teve uma tão larga audiência, e, podemos dizer, uma audiência tão disposta a ouvir-Nos. Nunca este anúncio interpretou tão completamente, ao mesmo tempo, a piedosa voz do céu e a implorante voz da terra, provando que os misteriosos desígnios divinos acerca da Humanidade se adaptam perfeitamente às mais íntimas aspirações dos próprios homens. E nunca antes a missão da Igreja — medianeira entre Deus e o Homem — se justificou por uma mais evidente, providencial e moderna razão.

Lamentamos que o intérprete de uma hora tão brilhante tenha sido a Nossa humilde pessoa — mas não reclamou Deus para Si próprio a glória de todos os grandes acontecimentos registados na nossa história, ao escolher instrumentos muito inferiores à sua importância e eficácia? — lamentamos, mas não deixamos que isso afecte a Nossa alegria quanto ao profético valor de que o Nosso anúncio se revestiu: em nome de Cristo, pregámos a paz entre os homens.

Notamos agora uma consequência subjectiva que esta missão trouxe consigo, e com este pensamento a Nossa viagem se encerra: sabeis que dizer uma palavra impõe graves deveres àquele que a pronuncia — um dever de coerência, e um dever de solidariedade, um dever de exemplo. A palavra que não se baseie na vontade colectiva e pronunciada só por um e apenas para um — qual é, pois, a sua utilidade?

Na verdade, a autoridade da palavra nasce da verdade que reflecte. Mas no domínio humano reveste-se de maior eficácia pela forma como a aplica aquele que a pronuncia. A voz fala, mas o que convence é o exemplo daquele que anuncia o Evangelho.

Uma séria consequência, portanto, deriva do facto de termos anunciado a paz: devermos ser agora, mais do que nunca, os artífices da paz. A Igreja Católica tomou sobre si a grave obrigação de servir a causa da paz porque, através da Nossa palavra, solenemente anunciou advogar essa causa.

Não é certamente Nossa tarefa, nem pode ser Nossa intenção, entrar nos campos da política ou da economia, onde a ordem temporal que constitui a paz civil é directamente construída. Mas podemos e devemos auxiliar também a construir a paz civil, através do permanente apoio moral e, de algum modo, também através dos serviços de uma caridade presente e verdadeira.

Não está o Nosso Concílio Ecuménico, neste momento, inteiramente ocupado em estudar como as relações da Igreja Católica com o Mundo actual

podem tornar-se efectivas e fecundas? A Nossa contribuição para a Paz encontra-se, por esse facto, já no caminho. E ela tornar-se-á, certamente, mais efectiva e mais preciosa quando todos nós, convencidos de que a paz deve fundar-se na justiça, nos tornarmos advogados da justiça.

De justiça tem o Mundo grande necessidade, e de justiça quer Cristo que sintamos fome e sede. E nós sabemos que a justiça é progressiva, e que à medida que a sociedade progrida, torna-se mais profundamente consciente da sua imperfeita composição, vindo então à luz os gritos e os clamores suscitados pelas desigualdades que continuam a atormentar a Humanidade.

Não é o facto de se verificar desigualdades entre classe e classe, entre nação e nação, a mais grave ameaça feita à paz?

Todas estas coisas são bem conhecidas. E, agora, elas convidam-nos a reconsiderar o que podemos fazer para as remediar. As condições em que se encontram as populações em vias de desenvolvimento devem ser objecto da nossa consideração — ou, digamos com mais propriedade, da nossa

caridade em relação aos pobres do Mundo, que se contam por legiões — devendo-nos tornar mais atentos, activos, mais generosos.

Outras considerações nos levam à mesma conclusão, nos casos da moral e da religião: colocar a nossa fé ao serviço da caridade, tanto nos debates ecuménicos como nas relações espirituais e sociais com os homens de boa vontade, de todas as raças e de todas as crenças — não é isto uma contribuição para a paz, não é isto já uma parte do nosso programa?

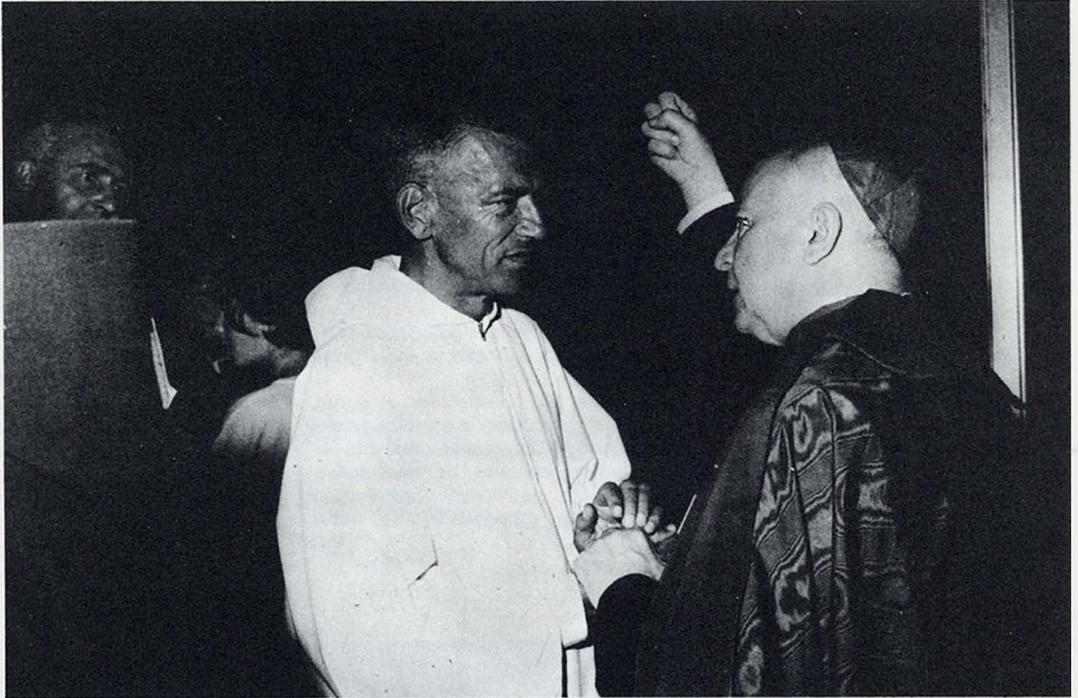
Devemos, portanto, estudar e aplicar o nosso programa com crescente energia porque prégamos a paz com o objectivo que, actualmente nos deve ocupar a todos. Possa o Senhor permitir que estejamos habilitados a fazer seguir ao testemunho da palavra o testemunho da acção.

E todos vós, veneráveis Irmãos, que compartilhais connosco o «ministério da reconciliação» (2 Cor. 5, 18), vós, que estais presentes; vós, senhores representantes das Nações; vós, dignísimos Observadores, juntai-vos aos Nossos desejos de paz, orando e trabalhando por ela e, com a Nossa bênção, que «o Deus da paz esteja com todos vós» (Rom. 15, 33).



Os três pastorinhos de Fátima, recebem a visita do Anjo da Paz.

# AS APARIÇÕES MARIANAS NO AMBIENTE ECUMÊNICO



Em Lisboa viveu-se autêntico ambiente ecumênico durante o passado Congresso Mariológico Internacional. S. E. Cardeal Patriarca de Lisboa e o Superior da Comunidade Protestante de Taizé falam, com respeito e amor, da Virgem Maria.

## P.º HENRIQUE S. C.

François Mauriac, num seu pequeno livro — «Pelerins de Lourdes», 1933 —, imaginou um diálogo entre um católico e um protestante, ambos peregrinos de Lourdes, acerca do sentido e da mensagem das aparições. Talvez o retrato que nos oferece do interlocutor protestante e a expressão dos seus sentimentos não estejam muito em consonância com o sentir do mundo católico.

Os próprios protestantes não estão de acordo com ele assim como não concordam ou não aceitam as linhas do diálogo que outros católicos traçaram com parecido estilo. Esse protestante, segundo a expressão de Pierre Petit, tem uma fé morta e não pode representar o verdadeiro sentimento do protestantismo. Mas, não há dúvida de que aí temos uma antecipação do diálogo e dos seus fins.

Julgo não ser necessário advertir que pretendo escrever mais uma página, animado pelos mesmos sentimentos, ao expor o tema das aparições marianas no ambiente ecumênico. O meu trabalho será, de preferência, informativo, mas este é, precisamente, o primeiro passo para o ecumenismo: a informação e o nosso conhecimento.

O problema das aparições marianas — complexo e complicado — começou a despertar inte-

resse no mundo católico e no protestante também. Lourdes foi o centro primordial das atenções, mas uma espécie de expansão orientou as atenções para outras latitudes. Uma declaração de Austerdon precisou que este fenómeno exige um exame pormenorizado. Pierre Petit, não há ainda dois lustros, e com ele outros protestantes, respondiam a esta pergunta sem palavras que a Igreja Católica lhes fazia através da celebração e publicidade do Ano Mariano de Lourdes: — «Pergunta-se-nos, como protestantes que somos, quantas vezes escutámos nas nossas conversas quotidianas ou nos nossos ambientes de apostolado, propor esta questão: Lourdes? Que deve dizer-se de Lourdes? Trata-se de uma realidade? Porque não acreditais, como nós, na Virgem e no Papa?» (P. Petit, Les protestants, 1958, pág. 6).

O problema, desde então, não só não perdeu interesse no campo ecumênico como, antes, adquiriu maior projecção. Vejamos, portanto, o que significa nos nossos dias, na altura de celebrarmos outra data memorável das aparições marianas, o Cinquentenário de Fátima.

Este estudo pretende considerar alguns livros e escritos mariológicos, dentro do terreno ecumênico, nos quais se nos oferece uma explicação ou interpretação das aparições marianas. Digamos, desde já, que procuraremos compreender e expor a posição de alguns representantes da teologia ecuménica perante o mesmo problema.

## I — INTRODUÇÃO

### 1. SENTIDO DAS APARIÇÕES MARIANAS

Trata-se, sobretudo, de um problema de interpretação. Como tal, é relativamente recente, pois até aos nossos dias, praticamente não tinha suscitado interesse fora da Igreja Católica, a mensagem das aparições marianas e a sua realidade histórica. Com isto já pomos um limite cronológico ao nosso estudo.

Na realidade, de que se trata? As aparições marianas são acontecimentos históricos que constituem problemas complexos. Ditas aparições supõem a realização de bastantes milagres e, sobretudo, transmitem à Igreja e ao Mundo uma mensagem religiosa, geralmente sobrenatural. Tratando-se de aparições marianas aprovadas pela autoridade eclesiástica, tal mensagem interessa a toda a Igreja. A sua aceitação supõe um acto de fé que inclui duas realidades: a aparição e a mensagem (embora alguém possa aceitar a realidade da mensagem prescindindo da realidade da aparição). Neste sentido, o problema é tão complexo como qualquer problema que implica com a Revelação e a Fé da Igreja.

Além disso as aparições marianas são acompanhadas de sucessos milagrosos de distinta ordem: de carácter físico, de carácter moral: curas, conversões, suspensão das leis naturais, etc. Isto provocou, por um lado, entusiasmo com vasta literatura apologética e, por outro, a réplica. A nossa intenção não é a de fazer referência ao ambiente ecuménico à volta dessa literatura católica que expôs e defendeu a história das aparições marianas e a realidade dos seus milagres como, por exemplo, os livros escritos sobre as aparições de Lourdes ou de Fátima. Nesse caso a controvérsia não se centraliza propriamente sobre o problema das aparições em si mas sobre o procedimento adoptado pelos católicos para expor e provar o que se julga uma realidade que limita com o sobrenatural. Certo é que nestas controvérsias está latente uma certa desconfiança sobre a historicidade das aparições marianas. Mas seria supérfluo recordar estes dados que pertencem antes à literatura crítico-histórica.

As aparições marianas são, sobretudo, sucessos de ordem religiosa. Do ponto de vista histórico ninguém pode negar a sua possibilidade e até a sua existência. Não obstante, do ponto de vista religioso podem apresentar-se interpretações tão distintas como distintos forem os princípios que se adoptem no mundo do sobrenatural. E é aqui onde se situa a interpretação dada pelo ecumenismo. Não se trata, portanto, de explicar a interpretação e explicação de uma aparição enquanto sucesso: se é visão corporal, intelectual, imaginativa, etc. segundo o esquema proposto por P. C. Thrular; (*C. Thrular, Principia Theologica de habitudine christiana erga apparitiones, in Virg, Inmc. XVI, 1956, 1-17*), nem para confrontá-las com os princípios da teologia. Trata-se, antes, de interpretar as aparições tal como nos são propostas historicamente, como sucessos religiosos, que caem no âmbito da fé. E é evidente que ao propor um problema interpretativo temos de propor também os princípios ou, ao menos supô-los, sobre os quais se fundam tais interpretações.

É preciso delimitar bem o problema, já que se trata de um fenómeno de interpretação, ante a complexidade das aparições mesmo consideradas apenas como sucesso religioso. Estes sucessos revestem-se de diversos aspectos cujo valor e sentido deve ser determinado segundo os princípios gerais. Pensemos, por exemplo, no aspecto psicológico e nesse sentimento religioso — como fenómeno social — que se cria perante a aparição milagrosa. Holstein e Javierre aludiram a isso ao tentar explicar as suas raízes e a sua legitimidade. Pensemos também no aspecto teológico que a aparição milagrosa oferece. É um sucesso que manifesta e propõe uma mensagem na qual se encontram o natural e o sobrenatural; o espiritual e o que pode considerar-se como vivência cristã da mensagem. Pensemos, finalmente, no aspecto ecuménico-universal, partindo do juízo de autenticidade proferido pela autoridade da Igreja e perante a universalidade da mensagem...

Evidentemente, a teologia ecuménica pode falar e tem falado sobre todos estes aspectos, com maior ou menor qualidade, dando-nos uma interpretação particular das aparições como acontecimentos religiosos.

Temos estado a referir-nos à interpretação proposta pelos proeminentes mestres da teologia ecuménica. Podemos falar em termos tão genéricos referindo-nos a todos os autores e teólogos? Em geral não. Primeiro, porque se trata de um problema recente. E em segundo lugar, pelo próprio sentido que a teologia protestante dos nossos dias tem e em cujos mestres devemos reparar preferentemente.

Neste caso, fazemos nossa uma observação de Struve Haker: «Não é tarefa fácil, diz, determinar a posição do protestantismo moderno perante a Mãe de Deus. Porque o protestantismo não tem um magistério doutrinal, que poderia indicar-nos a posição oficial ou ao menos tradicional do mesmo; de modo que ao procurar indícios, citações ou expressões dogmáticas na literatura protestante a respeito de Maria, não saímos do círculo individual, da órbita subjectiva deste ou daquele autor (heterodoxo) — não católico. (Ricardo Struve Haker, *Maria em el Protestantismo moderno*, Bogotá, 1959, Pág. 55).

A mesma coisa se pode afirmar da postura dos teólogos anglicanos, entre os quais tão pouco existe, neste mesmo terreno, uniformidade ou magistério oficial. É mais acertado falar de postura de autores particulares e não da significação de um sistema (*Conf. F. M. Corr. OSM., La Doctrine Marial et la Pensé Anglicaine contemporaine, em «Maria» de H. de Manoir, III, 711-731*).

O que em geral acontece à volta da figura da Virgem Maria vêmo-lo constatado no caso particular das aparições marianas. Não podemos referir-nos em conjunto aos mestres da teologia ecuménica. Isto seria uma proposição injusta. E ninguém pense que o limitarmo-nos a casos concretos obedece a um compromisso. Inclusive podemos dizer e devemos confessá-lo claramente a postura adversa de alguns autores, perante as aparições marianas, não anula nem rebaixa nada a veneração e a devoção que em geral o protestantismo e parmente o americano sente para com a Mãe de Deus. (*Conf. K. Dougherty, Contemporary American Protestant Attitudes Toward the Divine Maternity, em Mar. Stud., 1955, 137-138*).

Além do mais, deve tomar-se em consideração o facto de não existir uma literatura ecuménica

geral sobre as aparições marianas, como existe no campo católico. Os teólogos protestantes interpretaram antes, alguns sucessos particulares, preferentemente as aparições de Lourdes. Ora bem, a sua interpretação e os princípios em que se apoiam não têm umas dimensões amplas e gerais, de modo que possam legitimamente generalizar-se e aplicar-se às aparições marianas. Esta atitude impõe um certo condicionamento ao nosso trabalho; já que temos deduzido casos particulares, aplicações e princípios válidos para este problema, ecuacionado em linhas gerais. O procedimento não é absurdo, nem ilegítimo, como veremos, pois tem a seu favor claros e suficientes dados.

Finalmente, para garantir o nosso procedimento, devemos advertir que por mais de uma vez faremos uso de alguns princípios gerais que logicamente determinam a atitude a tomar ante o problema que nos ocupa. Tão pouco isto é ilegítimo, já que a interpretação de um caso particular, como é este, deve ser determinada pelos princípios gerais de um autor ou de um sistema se este existir.

## II — EXPOSIÇÃO

### 1. AS APARIÇÕES MARIANAS. FACTOS HISTÓRICOS E TEOLÓGICOS

a) As aparições marianas não são simples factos históricos. Referimo-nos em particular a essas aparições que a autoridade da Igreja aprovou oficialmente, que deram origem a um culto especial à Virgem Mãe de Deus. Este problema não necessita de explicação nem provas para um católico. Se nas aparições marianas tem grande importância a sua realidade histórica, muito maior a tem o seu sentido sobrenatural e a mensagem. A Virgem Maria fez a Sua aparição de um modo milagroso e surpreendente no Mundo, não só para garantir a realidade da Sua presença, mas também para trazer uma mensagem, ou recordar umas exigências concretas de vida espiritual e cristã. Este é precisamente o seu valor e este o conteúdo teológico da sua realidade. A mensagem das aparições provoca complexos problemas de carácter doutrinal. Trata-se de manifestar uma nova verdade à Igreja, ou somente inculcar e renovar alguns aspectos da mensagem evangélica? Lourdes foi a confirmação do dogma da Imaculada Conceição; Fátima é uma mensagem espiritual urgente para a vida cristã. Do ponto de vista ecuménico estes factos em si não têm sentido já que, parece que não se dá importância aos seus princípios fundamentais, como veremos depois. De qualquer ponto de vista o princípio de aceitação exclusiva da Escritura sofreria, perante o reconhecimento de uma mensagem espiritual lançada ao Mundo por ocasião de uma aparição mariana. As aparições marianas promoveram de um modo efficacíssimo, e em certas ocasiões quase exagerado, o culto mariano. Ao redor dos lugares das aparições têm-se concentrado multidões electrizadas pela devoção e o amor à Senhora; criaram-se santuários que são frequentados por milhares de peregrinos. A mensagem das aparições despertou a consciência de muitos cristãos, que se tornaram fervorosos propagandistas da devoção mariana.

Não é lícito afirmar que as aparições tenham criado um culto próprio e desconhecido, ou que tenham modificado substancialmente o sentimento do povo cristão para com Nossa Senhora. Santuários, peregrinações, culto de imagens famosas existiram desde os primeiros séculos da Igreja. Não obstante, nem todos ficarão satisfeitos com esta interpretação do sentido cultural das aparições marianas. Os princípios gerais da mariologia e da devoção mariana inclusivè o resultado da análise dos processos históricos, pois podem levar a conclusões muito diversas conforme se adopte uma ou outra postura.

As aparições marianas manifestam particularmente um sentido religioso profundo. A sua aceitação é um testemunho de religiosidade. Além disso, a vivência cristã da mensagem das aparições aumenta a vida espiritual. Devoção e vida estão aqui estreitamente unidas. Inclusivè deve afirmar-se que a devoção mariana à volta das clássicas aparições aumenta também a prática dos sacramentos.

O. Cullmann, estudando os sacramentos no Evangelho de S. João parece afirmar que os milagres que Jesus operou foram como que uma preparação para a compreensão dos sacramentos e para a sua instituição na Igreja. Laurentin faz uma aplicação disto à mensagem e às aparições de Lourdes, dizendo que os milagres de Lourdes — e sobretudo o milagre básico, a própria aparição — nos conduzem também aos sacramentos da Igreja: ao baptismo, por exemplo, do qual os milagres são como sinal exterior, e à penitência, que os Padres chamam o segundo baptismo. — (O. Cullmann, *Les Sacrements dans le Evangile joannique*, Paris, 1951; Laurentin, R., *Les aparitions de Lourdes*, em *Virg. Inmac. XVI, 1956, 70*).

Seja como for, o certo é que as aparições marianas têm promovido eficazmente a prática dos sacramentos. Também devemos admitir que à volta das aparições se deram abusos; mas isso não contradiz a legitimidade e o sentido sobrenatural desses sucessos extraordinários. Ora bem, qualquer interpretação que não seja guiada por um critério estritamente católico, esbarra com inconvenientes que podem pôr em dúvida a própria realidade e a legitimidade das aparições.

b) É preciso ter em conta outro aspecto. As aparições marianas têm um sentido soteriológico. São sinais visíveis da benevolência de Deus e da Sua graça; sinais exteriores da acção de Maria no desenvolvimento da história da salvação. De modo particular, as aparições nos manifestam uma intervenção singular da Mãe de Deus a favor da salvação dos homens. Ela pode ser considerada como agente, de um modo mais ou menos directo desta promoção de vida espiritual ao redor do centro das Suas aparições, embora sempre subordinada a Deus.

Até onde é legítimo falar desta intervenção especial de Maria? Fácil é de compreender, deste ponto de vista, que uma interpretação exacta das intervenções marianas, supõe a aceitação de outros princípios com os quais em geral, a teologia ecuménica não está de acordo.

c) Mas não são os princípios doutrinais os únicos factores que têm influído na postura adoptada pelos teólogos do ecumenismo perante as aparições marianas. Tratamos de um problema de interpretação de sucessos eminentemente religiosos. Neste caso, não podemos deixar à margem nem desconhecer o peso de circunstâncias de ambiente, de uma educação do sentimento religioso e da consciência cristã

de certos abusos cometidos ou fomentados a propósito de tais aparições.

Com efeito, a interpretação de um facto religioso pode ser provocada por certos princípios, por educação do sentimento ou pelo meio ambiente, etc. Isto não significa que tal interpretação seja vã ou inconsciente, porque esses factores também devem ter-se em conta no momento de determinar uma posição ou de decidir de uma atitude.

Neste caso, ao estudar o tema das aparições no ecumenismo, deve considerar-se o estado científico e ambiental em que vivem os fautores dessa postura, para dar uma explicação adequada da sua atitude e poder compreender realmente a atitude adoptada. Do ponto de vista católico foram estudadas as aparições marianas, particularmente de Lourdes e Fátima, no plano científico e no teológico. Falta, como observa Magli, o estudo do ponto de vista do ambiente. Esta falta priva-nos, neste momento, da possibilidade de formular um juízo plenamente autorizado sobre a reacção no ambiente ecuménico e suas determinantes. (Dr. Adriana Magli, *Problemi psicologici dell'apostolato in rapporto alle apparizioni di Lourdes e Fátima*, em *Mar. et Eccl.*, XII, 1962, 337-361).

O mesmo se deve dizer acerca desses excessos e abusos cometidos à volta das mais célebres aparições marianas. Eles podem ter influido, como causa desfavorável, na atitude adoptada por bastantes autores da teologia ecuménica. Neste sentido, um intérprete dos factos não pode ficar na simples consideração da mensagem das aparições. É preciso que analise e tenha também em consideração a sua fenomenologia e os factores de que está rodeada a sua difusão e desenvolvimento. Por esta razão vamos reflectir sobre este problema, movidos por um desejo de absoluta objectividade.

As aparições contribuíram, sem dúvida, eficazmente, para o desenvolvimento da devoção mariana. Aproximaram mais dos homens a figura de Maria, porque Ela própria se tornou presente no Mundo com essa presença a um tempo misteriosa e sensível, sinal exterior de outra presença mais profunda e espiritual. As aparições marianas puseram em jogo a psicologia dos indivíduos e dos povos, provocando neles um entusiasmo massivo ante a presença e a descoberta, até certo ponto, do maravilhoso, do misterioso e oculto. As aprovações pontificias de algumas aparições particulares, o favor concedido a tudo o que significa exaltação e glorificação de Nossa Senhora, penetrou profundamente no sentimento do povo cristão, originou um fenómeno inteiramente universal na Igreja, interessou até a muitos que não comungam da fé católica. Assistimos, na verdade, a um problema de amplitude e perspectivas ecuménicas. Provocado por quem? Esta é a pergunta que se faz no campo ecuménico. Já que vamos dar uma resposta, convém não esquecer que o movimento criado à volta das aparições, foi alimentado, não poucas vezes, por forças e factores menos lisos ou, pelo menos, que esse desenvolvimento foi envolto em confusa corrente de sentimentos e atitudes. O que Laurentin considera como vícios e deformações da autêntica piedade mariana e que ainda tem vigência nos nossos dias, também fez a sua aparição na história e vivência cristã das aparições da Virgem Maria.

A materialização da devoção pode considerar-se como uma deformação mais ou menos perniciosa.

Às vezes acontece que essas materializações obedecem a uma falta de capacidade psicológica ou a outros condicionalismos das pessoas. Neste sentido, as aparições marianas e o movimento que as mesmas provocaram, às vezes incontrollado e abusivo, prestaram-se a esta materialização devocional. A pessoa da Virgem Maria foi condicionada e materializada a um lugar e a uma figura com prejuízo de uma espiritualização mais elevada. Também por causa das aparições marianas se reduziram os ângulos de visão a uma só mensagem ou a uma única necessidade espiritual, embora se trate de uma necessidade importante na Igreja, com detrimto, porventura, da universalidade e do espírito ecuménico. Isto, porém, não quer dizer que seja inevitável e proibida absolutamente a materialização do sobrenatural, sobretudo no terreno da devoção já que o homem é uma realidade concreta e sensível e que chega ao conhecimento das coisas através da sensibilização.

De igual modo se poderia falar do excesso de afectividade, cujos graus correspondem, a maioria das vezes, à sensibilidade e à materialização. A figura da Virgem aparecida, as Suas palavras, gestos e o próprio lugar das aparições despertam sentimentos de entusiasmo que, por vezes, ultrapassam os limites do que a fé e a piedade verdadeira podem admitir. Certo é que a afectividade é um sentimento natural do homem e que não existe qualquer razão para o eliminar e muito menos na vida de piedade. Mas os excessos, fruto de uma falta de domínio pessoal ou da preponderância de outras deficiências, não só desprestigiam os sentimentos de piedade para com a figura de Maria, como também dificultam a sua verdadeira compreensão num ambiente ecuménico.

Também é certo que, hoje, a afectividade está em crise; mas essa febre não foi provocada por elementos de tipo religioso antes, pelo contrário, esta afectividade desmesurada provocou abusos neste terreno. De qualquer modo, o terreno das crenças e da devoção era campo propício para que germinassem, ao calor e abrigo de muitos recursos dos estratos inferiores do homem e da sociedade, raízes deformadas e silvestres, espinhosas e hidricas que invadiram o terreno religioso.

Uma interpretação autêntica e equânime da atitude dos teólogos do ecumenismo das aparições marianas, deve tomar em consideração estes factores e este estado de coisas. E não é só isto. Além da fenomenologia da mensagem das aparições, deve conhecer-se também o clima criado ao redor delas pelos próprios católicos, particularmente por aqueles que interpretaram científica e teologicamente essa mensagem. Qual é esse clima?

## 2. RESERVAS E VACILAÇÕES NO CAMPO CATÓLICO ANTE AS APARIÇÕES MARIANAS

A interpretação das aparições marianas exige uma pedagogia, uma educação da fé que nem sempre existiram. Essas educação da fé, da qual fala A. Muller a propósito de outro assunto, é a que forma o critério exacto do crente. J. M. Nicolas aludia também a esta exigência. Embora reconheça que no Catolicismo não existe uma mariologia deformada como fenómeno, não obstante, «o que, pelo contrário, permanece, é uma tendência perigosa que eu chamaria o mau uso das aparições marianas. Sabe-se que

Roma não se precipita a declará-las autênticas. E quando ela as reconhece como dignas de fé, espera que sejam respeitadas e deseja que sirvam de estímulo ao fervor particular e colectivo. (J. M. Nicolas, *L'expérience mariale catholique*, em *Et. Marial.*, XX, 1963, 76).

Apesar de tudo, o perigo do mau uso das aparições marianas no campo católico, espreita-nos. Isto, é certo, nada significa contra a legitimidade das próprias aparições. Mas quem não compreende que pode embaiar as lentes através das quais devem ser vistas e interpretadas?

Dentro do catolicismo está a verificar-se uma atitude de reserva perante as aparições a propósito das que se deram em Lourdes. Não se negam os factos nem se rejeita em Lourdes, mas silencia-se o seu valor e esconde-se a sua fenomenologia.

L. Lochet põe muito bem o problema ao raciocinar deste modo: «Uma pessoa pode perguntar-se, ao aceitar esta corrente de piedade mariana, esta crença nas aparições, esta devoção às peregrinações, se a Igreja não cede a uma espécie de sortilégio ante práticas mais atraentes do que profundas, mais pitorescas do que sólidas. A Igreja, que se mostra tão severa para com outras iniciativas, falharia, deste modo, na sua vigilância, deixando-se levar por uma corrente superficial de piedade sentimental? ... Vale a pena propor estas dificuldades. Esta reflexão de desconfiança tomará corpo em todos aqueles que, próximos da Igreja, sem embargo olham para ela desde fora. Estas formas de devoção provocam neles, com frequência, uma verdadeira repulsa ... Pode ser que nós não nos esforcemos muito por fazer-lhes compreender e apresentar-lhes estes factos numa dimensão aceitável, como tão pouco para discernir o que se deve aproveitar das suas críticas, o que nos convida a uma maior profundidade nessa devoção mariana». (L. Lochet, *Apparitions*, NRT.H., 1954, 949-950).

Poder-se-á atribuir à teologia católica o não ter apresentado o fenómeno das aparições marianas numa dimensão que as torne aceitáveis para os não-católicos? Talvez não abundem razões para uma censura, mas existem alguns testemunhos como sintoma.

François Roy reflectia sobre isso mesmo em 1962 a propósito das aparições de Lourdes ante o Magistério da Igreja e punha em evidência dados recolhidos em alguns escritores católicos. A Igreja que, ao princípio, tinha mantido uma posição expectante perante os sucessos de Lourdes, foi vendo mais claramente, cinquenta anos depois, que aqueles acontecimentos significavam uma intervenção de Nossa Senhora de signo eclesial excepcional. (F. Roy, *OSB, Le fait de Lourdes devant le Magistere*, em *Mar. et Eccl.*, XII, 1952, 35).

Aqui surge, espontânea, a pergunta: como se compagina isto com a atitude de reserva de certos católicos? E é que ela existe.

P. Dumas, a propósito também do caso de Lourdes, não se inibe de escrever: «Certamente Lourdes não é um artigo de fé: podeis continuar a ser católicos afirmando que ali nada sucedeu nem sucede. Se a Igreja, depois de certas dúvidas e inquéritos, proclamou a realidade dos factos, não impôs nenhuma crença a ninguém». (P. Dumas, *Les clés de Lourdes*, Paris, 1958, 19).

Na realidade, Lourdes não é um artigo de fé. Mas o Magistério manifestou uma posição tão

decisiva que não é oportuno nem legítimo contradizer. Isso criaria um clima de pseudo-catolicismo perante estes sucessos.

Em 1958, *L'Ami du Clergé* publicava o seguinte: «A Igreja não aprova directamente nenhuma destas manifestações, como o exige a fé dos fiéis. Nem mesmo no caso de Lourdes a Igreja se pronunciou directa e explicitamente sobre a realidade das aparições. Roma teve sempre a cautela de afirmar que a aprovação foi a do Bispo da Diocese ... E esta aprovação foi um juízo relativo à moralidade e ortodoxia de tal manifestação, ou seja, que nada continha contra a fé e a moral». (*L'Ami du Clergé*, 1958, 53).

O mesmo autor, porém, suaviza as suas expressões desta forma: «Se o facto de Lourdes não se impõe à nossa fé, seria uma grande temeridade desprezá-lo e ainda mais negá-lo, pois tal facto, como todos os Milagres que o acompanham, apresenta todas as características de uma intervenção divina. Prudentemente, a Igreja afirma: Está aqui o dedo de Deus! (1. c. 37).

Manter o equilíbrio entre dois extremos: o excesso de credulidade e a desconfiança, não é nada fácil num terreno como este. E um grande número de cristãos derivou para uma ou outra destas duas tendências. Há uns dez anos, recomendava o Pe. Balic: nem excessiva credulidade nem excessiva desconfiança: «Acerca das aparições, das visões e das revelações do nosso tempo, podem os homens adoptar uma atitude dupla. Alguns têm a sensação de viver em tempos de fábulas grotescas, de fantasias excitantes ou alucinantes, de morbosidades psíquicas devidas à desnutrição, aos horrores e pesadelos da guerra. Outros, pelo contrário, pensam que regressámos aos primitivos tempos do cristianismo quando, entre perseguições e tribulações, se realizavam os mais estrepitosos milagres: a Rainha do Céu e da Terra nossa Mãe, com as Suas manifestações directas, pretende consolar o coração angustiado do povo cristão, sustentando a sua fé posta à prova pelo materialismo ateu. Por conseguinte, alguns encontram em todas as aparições e visões marianas, fenómenos sobrenaturais; outros não vêem nelas senão alucinações, sugestões individuais e colectivas. Entre estes dois extremos, causas de opostos erros, caminha a passo lento a maioria dos fiéis e a autoridade religiosa». (C. Balic, *Apariciones marianas en los siglos XIX y XX*, em «*Enciclopedia Mariana Theotocos*», trad. espanhola, ed. Studium, Madrid, 1960, pág. 255).

De igual modo raciocinava Zavalloni, em 1962, comentando o cepticismo dos racionalistas perante as aparições marianas. Reconhece ele que tais aparições aprovadas pelo Magistério da Igreja são objecto da devoção dos fiéis e passaram a ser festas de carácter litúrgico. E comentando algumas controvérsias a propósito de Lourdes, reconhece que não faltam católicos que manifestam certa perplexidade, retraídos por uma desconfiança iconoclasta. (Zavalloni; *De apparitionum phenomenologia*, em *Mar. et Eccl.*, XII, 1962, 307-309).

### 3. ALGUNS PRINCÍPIOS DOUTRINAIS

a) Se o ambiente de confusão no próprio campo católico pode ter influído na postura dos teólogos do ecumenismo perante as aparições marianas, também é certo que o factor decisivo deve buscar-se

nalguns princípios de carácter doutrinal. A nossa metodologia falharia se não comentássemos aqui alguns destes pressupostos doutrinais.

Não é fácil, contudo, determinar estes princípios. É preciso considerar que no ecumenismo não existe uma doutrina sistemática acerca da Santíssima Virgem. Em vez de falar de sistemas temos de falar de autores concretos. Não obstante, existem certos princípios com os quais estão de acordo a maior parte dos teólogos do ecumenismo e que, sem dúvida, exerceram alguma influência na sua interpretação das aparições marianas.

Pierre Petit reconhece que o problema das aparições, referindo-se ao caso de Lourdes, necessitaria, para ser compreendido, de um longo estudo do ponto de vista bíblico. E, principalmente, uma reflexão teológica, já que nele estão implicadas certas questões teológicas. (P. Petit, *Lourdes, les protestants, la tradition chrétienne*, Paris, pág. 100, nota 16).

Impõe-se, portanto, reflectir sobre alguns princípios de carácter teológico a fim de resolver e esclarecer ditas questões.

b) O princípio da teologia evangélica: *Sola Scriptura*, tem aqui lugar. Só a Sagrada Escritura é regra e norma de fé, das crenças e do culto-veneração. Tudo o mais, símbolos, decisões da Igreja perante a Escritura, não tem valor constitutivo nem tão pouco interpretativo.

Embora este princípio se costume formular com toda a precisão, não há muita uniformidade nem mesmo entre os protestantes. Não possuem um sistema; por isso, mesmo na interpretação e aplicação deste princípio devem ter-se mais em consideração as tendências teológicas dos diversos autores, do que o pensamento em conjunto de uma confissão ecuménica.

O problema das aparições marianas sai fora deste princípio normativo e construtivo ao mesmo tempo. Trata-se de uma novidade na história da Igreja Romana, como afirma P. Petit (l. c. pág. 13), oposta ao sentido da tradição cristã e mais ainda ao seu carácter de ensino bíblico.

Através deste princípio, podem interpretar-se as aparições marianas sob o aspecto da sua mensagem. A teologia ecuménica só aceita a mensagem evangélica. Outras mensagens universais na Igreja são um acrescento que deve rejeitar-se. Assim se exprimia um pastor protestante no semanário *Réforme*, 2 de Novembro de 1957, a propósito das aparições de Lourdes. Opinava que, frente à mensagem mariana, as igrejas protestantes deveriam pôr de relevo a mensagem evangélica, sem réplicas. (Em P. Petit, pág. 99, nota 15).

c) A teologia protestante rege-se por outro princípio único que tem vigência nos nossos dias. Esse princípio formula-se assim: *Solus Deus*, ou seja somente Deus como Ser supremo e com pleno domínio sobre tudo o criado, opera e age. *Solus Christus*, sem a cooperação de nenhuma outra criatura, exclusivamente, é a reconciliação dos homens com Deus. *Sola gratia*, enquanto benevolência de Deus, sem qualquer outra cooperação humana, representa a condição do homem cristão, o seu peculiar estado, o seu modo de ser próprio e singular.

A formulação deste princípio esbarra contra certas limitações, pois alguns teólogos, actualmente, revêem a sua legitimidade e medem o seu real valor. Não obstante, têm-lo visto aplicado numa das suas

partes, a propósito, precisamente, das aparições marianas e em particular das de Lourdes. Um pastor protestante escreveu no semanário *Réforme* de 2 de Novembro de 1957, na página dedicada aos leitores, o seguinte: «Porque não publica a Federação Protestante uma declaração, difundida por toda a imprensa, declarando que só Jesus Cristo é o único Mediador? Não se trata de abrir uma plémica mas simplesmente de fazer uma afirmação evangélica».

As aparições marianas, dentro da história da salvação, mostram claramente a acção e intervenção de Maria no sentido soteriológico. O princípio protestante de *Solus Deus, solus Christus, sola gratia*, não deixa lugar para esta intervenção que, sob qualquer aspecto que fosse considerada, pareceria menosprezar a acção absoluta e universal de Cristo. A não ser que se diga que Jesus Cristo Se manifesta e age por intermédio de Maria. Mas nem assim se daria satisfação aos factos, já que na mariologia católica não se pode negar essa multiforme acção de Nossa Senhora.

d) **A realidade e o conceito do sobrenatural**

As aparições marianas são um sinal e uma manifestação patente do sobrenatural. Não será necessário analisar dados periféricos para provar esta afirmação. A aparição em si mesma apresenta essa marca e está assinalada com esse distintivo do sobrenatural milagroso.

Além disso, as aparições marianas foram acompanhadas por outras realidades milagrosas. A aparição em si é um milagre. Não interessa que existam dificuldades, dado o desconhecimento das leis físicas e a imperfeição do nosso conhecimento das leis naturais, porque, apesar de tudo, existe o transcendente e apalpa-se nesses fenómenos que a Igreja reconheceu como verdadeiros. (Cf. E. Dhanis, S. J., *Qu'est-ce qu'un miracle*, em *Mar. et Eccl.*, XIII, 1960, 47-52. A. Javierre, SDB., *Milagros contemporâneos em Lourdes*, em *Mar. et Eccl.*, XIII, 1960, 93 ss).

A. Combes afirmava esta realidade com decisão, também a propósito das aparições de Lourdes, falando das suas características e determinando a sua ampla mensagem: «Em Lourdes ninguém defendeu a tese da possibilidade das visões; ninguém pretendeu, tão pouco, refutar a tese da possibilidade do milagre. Em Lourdes está-se noutra plano, não há lugar para as discussões: é o plano dos factos o que se impõe... Ninguém pode negar os factos porque ninguém, no Mundo, os pode provocar. Se são uma realidade, esta pergunta impõe-se: o que significam?» (A. Combes — L. J. Lefevre, *Pèlerinage spirituel à Lourdes*, Paris, Les Edit. du Cédre, 1959, págs. 21-23, 29-30).

A existência do sobrenatural é a chave para toda a interpretação autêntica e objectiva das aparições marianas. Se na teologia ecuménica se menospreza o sinal dos factos sobrenaturais, será impossível entender a mensagem de Maria.

Por isso, na altura de procurar as causas de uma atitude perante estes sucessos, ou de uma interpretação da sua realidade ou da sua projecção soteriológica, não se pode deixar à margem este princípio básico.



# PEREGRINAÇÕES

13 DE JANEIRO



As crianças estiveram presentes, em grande número, na peregrinação de Janeiro. E exigiram que as deixassem ver todas as cerimônias.

A primeira peregrinação do ano corrente foi muito concorrida. O dia estava lindo, ameno, e os peregrinos aproveitaram a oportunidade para se deslocar até à Cova da Iria com menos penalidades, sobretudo para as crianças que estiveram presentes, em grande número. Quer pela grande afluência de peregrinos quer por o tempo o permitir, as cerimônias realizaram-se no altar exterior da Basílica para junto do qual foi conduzida a imagem de Nossa Senhora, num andor ornamentado com camélias brancas. A Missa foi celebrada pelo Revdo. Pe. Manuel dos Santos Craveiro que pregou também, aludindo às lições que se podem extrair da quadra litúrgica que se comemora, ao redor do Mistério do Natal. No fim da Missa, depois da renovação da consagração ao Imaculado Coração de Maria, o senhor Dom Domingos de Pinho Brandão, Bispo Auxiliar de Leiria, deu a bênção aos doentes e a todo o povo.

Presidiu à peregrinação o senhor Dom João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria que, ao final, rezou com os peregrinos por várias intenções, especialmente pela paz do Mundo e intenções do Santo Padre e ainda pelas de todos os presentes.

Entre os peregrinos, centenas de pescadores do bacalhau de diversas praias nortenhas sobretudo Gafanha, Matozinhos, Costa Nova, Viana do Castelo, etc.

De notar, também, a presença do Sr. Manuel dos Santos, o irmão da Lúcia, chegado recentemente

do Brasil para visitar seus parentes e os lugares do seu nascimento e juventude.

Outro peregrino notável pela sua idade foi a Sra. Bernarda da Conceição, residente na Capinha, Fundão, donde veio, pela primeira vez na sua longa existência — 102 anos —, em peregrinação a Fátima. Lúcida e de certo modo desenvolta, pretendia recusar a cadeira de rodas que lhe ofereceram para melhor assistir a todas as cerimônias, só a aceitando ante a ameaça de que de outro modo nada conseguiria ver. Acompanharam-na diversas outras pessoas do Fundão que com ela vieram rezar a Nossa Senhora de Fátima.

Nunca é tarde para vir rezar a Nossa Senhora, no lugar onde Ela apareceu há cinquenta anos. Esta senhora tem mais de 100 e nunca viera a Fátima.





## MANUEL DOS SANTOS

### IRMÃO DA VIDENTE LÚCIA, REVELA-NOS ALGUNS FACTOS CURIOSOS

O senhor Manuel dos Santos, mais conhecido por «Abóbora», apodo de seu pai, estava, sossegadamente, a cavar a sua horta — uma «chacarazinha» perto de Assis, Estado de São Paulo — quando o abordaram uns senhores que traziam cadernos de notas nas mãos, enquanto outros disparavam as máquinas fotográficas. Os brasileiros acabavam de ver, na televisão, as grandiosas cerimónias do dia 13 de Maio, em Fátima, às quais assistiu o Papa. Mas não era por causa do Papa que os jornalistas procuraram aquele nosso compatriota. Se fosse por causa do Papa, teriam procurado obter a opinião de outros. Em Fátima, nesse dia 13 de Maio, esteve também a Irmã Lúcia dos Santos. E não era coincidência de apelidos, não. O senhor Manuel dos Santos era mesmo irmão da Lúcia. Um «furo» daqueles, como se diz na gíria jornalística, não era de perder. E o Manuel dos Santos teve de receber, dia após dia, uma leva de jornalistas e outros informadores.

Que lhes contou de novo, o nosso compatriota? Nada. Nada que eles não soubessem já: como tinham sido as aparições (ele assistiu a todas menos à primeira e à de Agosto nos Valinhos); o que pensava, etc. Os jornalistas e muita mais gente só ficaram impressionados com isto: o senhor Manuel dos Santos há 42 anos não vinha a Portugal; nunca tinha vindo desde que emigrou para o Brasil; os seus parentes nem sabiam nada dele.

— «Como lhe veio essa ideia de emigrar para o Brasil? Já pensava nisso antes das aparições ou foram estas que o levaram a emigrar?» — Esta foi uma das primeiras perguntas que lhe fizemos, estava ele sentado ao sol, na soleira da porta da casa de sua irmã Glória, a dois passos do lugar onde há cinquenta anos assistiu, sem vê-las, às aparições de Nossa Senhora.

— Coisas da vida... Não pensava nisso antes, não senhor. Depois, não sei como nem por quê, lembrei-me de ir para o Brasil e fui mesmo. Trabalhei muito, como empregado, em diversos ofícios e, depois, dediquei-me à agricultura e consegui comprar uma territa e uma casa.

— «A casa em que vive e a terra que cultiva? Mas ouvimos dizer que nem uma nem outra são suas. E até que um dos seus desejos é comprá-las, assim como era seu desejo voltar a Portugal para visitar os seus parentes...»

— Não, esta casa e a terra não são minhas. Era outra. Sabe, a vida não correu muito bem. Doenças, sobretudo da minha mulher, obrigaram-me a vender tudo o que tinha. Esta é arrendada. Cultivo hortalíça para vender na cidade de Assis. O Alziro e o Mário, os meus filhos mais novos, o primeiro de 26 e o segundo de 23 anos, ainda solteiros, trabalham comigo. Pago ao senhorio 20% do que a terra dá. Todos os meses. Ele confia em mim, aceita o que eu lhe entrego, mas pode confiar porque faço as contas muito certinhas.

O sr. Manuel dos Santos vai respondendo calmamente, sem pretensões, sem saber sequer a finalidade com que o entrevistamos. Recordamos alguns passos mais da sua vida no Brasil. Além do Alziro e do Mário, tem mais seis filhos. A Carolina, a mais velha, 45 anos, nasceu cá. Depois vem o António, de 42, mais ou menos, porque não está bem certo das idades; o Benedito tem 38; tem 36 a Angelina e ainda está solteira; bem como a Maria de Lourdes, de 34; a Teresinha, de 30, já é casada e tem três filhos. Uma ranchada de netos, pois a Carolina tem oito filhos, o António um e o Benedito três. Uma linda família. Certamente gostaria de tê-los trazido consigo. Mas se até a sua viagem se deve à camaradagem dos compatriotas que ficaram assombrados quando souberam que tinham entre eles um irmão da Lúcia de Fátima e este não tinha possibilidades de vir a Portugal.

— Achei isto muito mudado. Olhe, nem sequer conhecia bem a casa onde nasci. Então, a Cova da Iria, essa é que eu nunca saberia que é a Cova da Iria se não tivesse visto já retratos e não me tivessem dito destas mudanças todas. Eu estava muito sossegado na minha casa. Depois os homens dos jornais souberam que um irmão da Lúcia vivia no Brasil e descobriram o meu paradeiro. Encheram-me de perguntas: «Como tinham sido as aparições?» e mais isto e mais aquilo. E souberam também que eu nunca tinha vindo a Portugal. E por isso é que aqui estou. Ainda tenho outro desejo, todos os dias peço a Deus essa graça: comprar a casa e a terra que cultivo.

— «Deixe lá que ainda o há-de conseguir. Você pede todos os dias essa graça?» Que sim, que rezava todos os dias. Que lá no Brasil parece que ainda há mais devoção a Nossa Senhora de Fátima do que cá. Fazem muitas festas em honra de Nossa Senhora de Fátima.

— «É verdade que você assistiu às aparições?»

— A todas, menos à primeira.

— «E viu alguma coisa?»

— Ver, não vi nada. Só o milagre do Sol.

Era assim a modos que de muitas cores e parecia que vinha a cair na terra. As pessoas diziam que caía, mas não era nada disso, só dava essa impressão.

— «Não viu mais nada?»

Mais nada. Algumas pessoas diziam que viram São José e o Menino Jesus, mas eu não vi nada. (Interrompe-o sua irmã Glória: Vi eu. Eu vi. São José trazia o Menino ao colo, sobre



o braço esquerdo, e estendia a mão a abençoar. O Menino também estendeu a mãozinha a abençoar.) Eu não vi nada, repete o Sr. Manuel.

— «Você acreditou logo nas aparições? E que pensou disso?»

— Eu acreditei logo. Nunca duvidei. E, assim, fui assistir a todas as outras, até à de 13 de Agosto, quando não estiveram os pequenos. Mas a que eles tiveram nos Valinhos, não. E para mim, acho que foi no dia 19. Eles ainda estiveram uns três dias em Ourém. Quanto às aparições, pensava que se era essa a vontade de Deus, tínhamos de nos conformar. Paciência! Calhou com a gente, tínhamos de aceitar a vontade de Deus.

— «Foi visitar a sua irmã e os seus primos enquanto eles estiveram presos em Vila Nova de Ourém?»

— Fui lá uma vez. Vi-os. Estavam a brincar na varanda da casa do Administrador. Estavam sòzinhos a brincar e pareciam contentes. Só os vi cá de baixo, mas falei com eles. Perguntei-lhes se estavam contentes e eles responderam-me que sim.

— «Já foi a Coimbra visitar a sua irmã Lúcia ... Que lhe disse ela? Como é que a achou?»

— De cara dá a impressão de ser mais nova. Mas já não é. Não falamos de nada em especial. Das aparições nem sequer falamos. Perguntou-me pelos meus filhos: quantos tinha, o que faziam, se estavam casados, etc. Mas não deu recado nenhum para eles ... Só lembranças. A mim também não me fez qualquer recomendação nem qualquer promessa ... Eu nem sequer lhe disse que tinha vontade de comprar a casa e o campo ... Talvez lá volte outra vez antes de regressar ao Brasil. Ainda fico aqui uns dias. Depende dos barcos.

— «Tem lido alguma coisa do sue se escreveu sobre Fátima e sua irmã e primos?»

— Nada. Sei ler pouco e além disso não vejo bem.

Deixámos o Sr. Manuel dos Santos sòzinho com as suas recordações e com a sua fé simples, alheia a todas as polémicas: «Se essa era a vontade de Deus, o que havia de fazer? Paciência! Temos de nos conformar com a vontade de Deus ...» E vimo-lo rezar com a mesma piedade de outros tempos, acompanhando as cerimónias que se celebraram em 13 de Janeiro de 1968, quase cinquenta e um anos depois dos maravilhosos acontecimentos de que foi testemunha, quarenta e três depois da sua ida para o Brasil donde regressou apenas agora, batido pelo tempo e pelo trabalho, mas não vencido nem na sua integridade nem na sua fé. Deu-nos a impressão de um homem justo. Quase me apetecia comparar a sua atitude perante a irmã mais nova, Lúcia, à de São José para com Nossa Senhora: «se essa é a vontade de Deus ...»

## 4500 QUILÓMETROS A PÉ PARA AGRADECER A NOSSA SENHORA

Tantos foram os calcurriados pela família holandesa Morsmon, composta pelo sr. Joan Morsmon, de 39 anos, sua mulher Maria, de 33, e seus filhos Joan e Conny (Guadalupe). Esta última, de 9 anos de idade, foi curada da cegueira e da impossibilidade de mastigar alimentos quando, em Abril deste ano, sua família foi em peregrinação a Lourdes implorar à Virgem esta graça que seria fruto do bom êxito de uma operação a que a garota se submeteria em Viena de Áustria. No instante, porém, em que faziam a sua súplica, a menina sentiu que via e podia engulir alimentos sólidos. O caso foi examinado e confirmado no Secretariado de Curas de Lourdes.

Em agradecimento, a família Morsmon foi a Roma, sendo recebida em audiência pelo Santo Padre no dia 18 de Maio e, dali, em auto-stop, dirigiu-se para Fátima com a mesma intenção. Como era difícil conseguir boleia para os quatro ao mesmo tempo, a maior parte do caminho foi feita a pé.

A família Morsmon e particularmente à pequena Guadalupe, felicitamos pela graça obtida e pela coragem da sua gratidão e desejamos-lhes uma fé cada vez mais viva e apostólica para propagarem a devoção a Nossa Senhora e proclamarem a Omnipotência de Deus que ainda faz milagres quando os Seus filhos lhos pedem e são para a Sua maior glória, por intercessão da Virgem Maria.

# AS PROMESSAS DE NOSSA SENHORA EM FÁTIMA

CÓN. BARTHAS

(continuação do número anterior)

## TERCEIRA PROMESSA:

### A RÚSSIA SER-ME-Á CONSAGRADA E CONVERTER-SE-Á

**É** incontestável que esta consagração já se realizou.

Pio XII pronunciou-a solenemente em conjunto com a consagração do Mundo a 13 de Outubro e em seguida a 8 de Dezembro.

Segundo o livro italiano prefaciado pelo Cardeal Lercaro, de que falei, a Virgem, numa aparição, em Maio de 1952, pediu à Lúcia para dizer ao Santo Padre que esperava sempre uma consagração real da Rússia, absolutamente necessária para a sua conversão e para a paz. Este pedido do céu era eco não só da súplica de um bispo ortodoxo convertido e nomeado arcebispo por Pio XII, D. Pavel Meletieff, mas também de diversas súplicas vindas de católicos exilados no Ocidente. É a razão desta Encíclica a todos os Povos da Rússia datada de 7 de Julho de 1952 para os consagrar de um modo muito especial ao Coração Imaculado. (Ver *Il Pellegrinaggio delle Meraviglie*, Roma, 1960, p. 440).

Teria esta consagração sido realizada pelo Santo Padre e pelos Bispos do Mundo inteiro reunidos com ele, como a Irmã Lúcia disse que Nossa Senhora o desejava?

Alguns pensam que teve lugar logo que, no fim do Vaticano II Paulo VI lembrou a consagração ao Imaculado Coração feita por Pio XII «sem faltar uma inspiração do Alto», sendo aplaudido por todos os Padres Conciliares. Mas outros pensam que esta concordância, mesmo tendo sido unânime, não equivaleu a uma participação directa no acto da consagração. De qualquer modo S. S. Paulo VI afirmou peremptoriamente na exortação «*Signum Magnum*», escrita na altura do Cinquentenário, que tinha renovado perante o Concílio, no dia 21 de Novembro, a consagração feita por Pio XII. Queira Nossa Senhora sentir-se suficientemente obedecida!

Que a Rússia esteja, de qualquer maneira, em vistas de se converter (pelo menos no sentido português da palavra: sair dos seus erros) creio não ser presunção afirmá-lo, sobretudo se não nos esquecermos que só queremos saber se Maria não começou já (insisto neste começar) a cumprir as Suas promessas.

Podem-se discutir, na verdade, acerca do sentido «converter-se-á» nas palavras de Nossa Senhora. Relembremos que a primeira vez que a Senhora a pronunciou foi depois de ter anunciado todas as desordens que a falsa ideologia deste país provocaria e por consequência a promessa de conversão engloba em primeiro lugar o fim ou pelo menos a atenuação de toda esta desgraça sem excluir portanto o sentido mais lato: voltar ao catolicismo.

João XXIII ofereceu a sua vida por esta futura realização e nós podemos oferecer sacrifícios e orações com o mesmo fim.

Para ver de perto o estado da questão tomemos uma a uma as consequências funestas dos «erros» que Maria anunciou a 13 de Julho de 1917 se não fizessemos o que Ela pediu.

(Senão ...) A Rússia continuará a espalhar os seus erros. A isto chama-se o Kominform. Foi suprimido depois de 1954. Presentemente os dois jornais da imprensa comunista em França deixaram de aparecer, sem dúvida, por falta de auxílio

soviético. Um diário de Toulouse que me tinha acusado de pregar a guerra contra a Rússia, porque eu dizia que ela tinha necessidade de se converter, suspendeu a sua publicação quando eu preparava a minha réplica.

(Erros) que provocam guerras. Não se poderá dizer que todas as guerras civis ou entre nações, que se seguiram no Mundo desde há quarenta anos na Espanha, na China, na Grécia, no Médio Oriente, etc. ... (poderíamos acrescentar as insurreições de Berlim, na Hungria, etc. ...) tiveram como causa os erros denunciados por Maria e propagados pela Rússia? Actualmente não creio que a Rússia possa ser acusada de belicismo como em 1942 e ainda muito tempo depois.

**Levantará perseguições à Igreja.** O comunismo ateu suscitou perseguições terríveis não só na Rússia mas em todos os satélites sobretudo na Lituânia e noutros países bálticos, na Jugoslávia, Hungria, Roménia e mais subtilmente na Polónia e na Rússia Oriental. Mesmo assim isto vai melhor sob o ponto de vista religioso nestes países (embora haja ainda graves abusos aos quais a obra admirável do sacerdote belga Pe. Werenfried tenta dar remédio.)

Quanto às perseguições na China não depende já da Rússia atenuá-las.

**Muitos serão martirizados.** Podem-se contar, sem dúvida, milhões de seres humanos massacrados, muitas vezes em defesa da fé, por vezes em sua própria vida, e com mais frequência ainda nas regiões da G. P. ou da N. K. V. D.

E quem poderá contar os milhões de deportados na Sibéria onde, diz-se, a média de vida não ultrapassa os três anos? Estatísticas, falam de 30 milhões.

Podem-se escrever as histórias destes mártires (do pouco que se sabe dos seus sofrimentos) que seriam ainda mais comoventes que as Actas dos Mártires da Igreja primitiva.

Sem os esquecer podemos dizer que estes inumeráveis mártires pertencem à geração de Lenine e Estaline.

**O Santo Padre terá muito que sofrer.** Durante quarenta anos a imprensa soviética e satélite vomitou diariamente injúrias contra o Papa, acusando-o de entusiasmar o mundo capitalista na guerra contra o mundo operário e os soviéticos e de fabricar canhões e bombas — isto com o apoio de caricaturas grosseiras, etc. ... Prenderam os seus Cardeais, Arcebispos e Bispos de maneira a paralisar a vida religiosa de mais de cem dioceses.

**Muitas Nações serão aniquiladas.** Em 1942, logo que este aviso foi publicado, este oráculo, como o dos mártires parecia inverosímil e inseri-os nos meus livros unicamente porque me asseguraram que Pio XII quis a sua publicação. Mas quatro anos depois logo que o armistício pôs termo à guerra mundial, a armada russa continuou a ocupar catorze nações que tinha libertado deixando-lhes uma existência puramente nominal, e nem sequer a todas, como as Nações Bálticas. As cadeias de escravatura destes povos desfazem-se pouco a pouco, mas é preciso continuar a rezar pela libertação total das Nações que suportam ainda uma tutela demasiado pesada.

Para terminar, permitam-me citar algumas datas que marcam as etapas sucessivas da guerra fria Este-Oeste e consequentemente o alargamento progressivo do perigo da guerra atómica depois da consagração da Rússia.

Recordemos, a propósito, um acontecimento de bom agouro. Foi precisamente no dia seguinte à primeira consagração do Mundo e da Rússia (31 de Outubro de 1942) que a batalha de El Amamein (1 de Novembro) pôs termo aos progressos até aí incessantes das conquistas nazis e deu o primeiro sinal da queda hitleriana. Mas o perigo russo iria automaticamente suceder ao perigo alemão. Imediatamente após o armistício de 1945.

Em acção de graças por este armistício, no dia 13 de Maio seguinte (1946) o Papa coroou Nossa Senhora de Fátima como rainha da Paz. Em 1947 partia de Fátima a Virgem Peregrina para a Sua volta ao Mundo.

Em Outubro de 1951, o sucesso do Congresso Mundial da Paz pela Mensagem de Fátima, congresso querido por Pio XII e sobretudo aquela noite de orações de um milhão de peregrinos em adoração diante do Santíssimo Sacramento sob uma chuva fina e fria entusiasmaram Mons. Fulton Sheen que chegando a Nova Iorque proclamou na Imprensa e na Televisão: «O perigo russo está vencido; só falta que isso se saiba!»

Com efeito, dois meses mais tarde, pela primeira vez, a imprensa ocidental fala de entendimento entre o Este e o Oeste e Trumann, por ocasião do Natal, notou algumas esperanças de paz.

Em Julho de 1952 Pio XII decide-se a escrever a todos os povos da Rússia convidando-os a unir-se com ele nas orações pelo seu país. Neste momento a Irmã Lúcia transmite a sua alegria a um amigo americano (John Haffert) e acrescenta: «agora, a conversão da Rússia aproxima-se.» Passados poucos meses foi a morte de Estaline que pôs fim ao escândalo da adoração deste monstro por todos os comunistas do Mundo.

No ano seguinte, o Kominform foi suprimido como já dissemos. Em 1955 a liberdade foi restabelecida para um país ocupado: a Austria.

No mês de Junho a primeira conferência de Genebra verificou um acontecimento importante e pouco notado: o fim do veto perpétuo da diplomacia russa da qual o Santo Padre sublinha a boa vontade de paz.

Em Fevereiro de 1956 é o XXI Congresso dos Sovietes que proclama o princípio da destalinização que estava já, em parte, realizada.

Em Dezembro de 1957 é dada à Polónia uma certa liberdade religiosa. Por ocasião das Boas-Festas de Natal e Ano Novo Krutchev dirigiu as Boas Festas ao Santo Padre e declara que a paz do Vaticano é muito superior à paz americana.

É preciso não esquecer que a Rússia dos Czars era já a mais anti-papista das nações europeias.

Em Maio de 1960 D. João Pereira Venâncio, Bispo de Leiria, escreve a todos os bispos do Mundo com a aprovação de João XXIII (caso único, penso, esta espécie de encíclica episcopal) pedindo-lhes que se unissem com os seus fiéis numa noite de oração prevista para 12-13 de Outubro no Santuário de Fátima pela paz no Mundo. Ora, alguns dias antes desta data Krutchev, na tribuna da O. N. U. com um gesto ridículo ameaça a América e o Mundo (a propósito de Cuba) com uma arma nova, arma absoluta e capaz de atingir um objectivo em qualquer parte onde se encontre, podendo destruir os Estados Unidos antes que eles pudessem ripostar.

Não ouvimos falar mais desta arma absoluta; mas li num jornal parisiense que o ensaio estava previsto para o dia 13 de Outubro.

Infelizmente não pude certificar-me da data que fica para mim incerta a poucos dias de distância. Do que não restam dúvidas é que o ensaio foi um insucesso completo e lamentável. Kennedy soube por um espião que a arma, explodindo atrazadamente e contrariamente a todas as previsões, matou o almirante Nedeline director dos trabalhos e mais trezentos colaboradores.

Em Fevereiro de 1962 o Cardeal Slipiyarce bispo de Lvov, na prisão há dezoito anos, foi libertado. Como participantes no Concílio Ecuménico Vaticano II, chegam prelados russos. No dia 7 de Março de 1962, M. Adjoubel, genro de Krutchev é recebido pelo Papa. Pouco a pouco a situação religiosa na Polónia, Jugoslávia e noutros satélites vai melhorando.

6 de Agosto de 1963, pacto de não agressão atómica.

Janeiro de 1964 primeiro encontro comovente de Paulo VI com o Patriarca Atenágoras.

Agosto de 1965, Gromyko vem amigavelmente a Paris e depois faz uma visita ao Papa.

Em Janeiro de 1967 vimos Podgorny, presidente da U. R. S. S., solicitar uma audiência ao Papa e obteve-a. As relações diplomáticas entre o Vaticano e certas nações satélites são reatadas.

Uma palavra resume tudo o que acabo de dizer: ninguém fala na Cortina de Ferro que parece herméticamente fechada e para sempre.

Para ser completo seria preciso falar do «voltar-se» dos espíritos, na Rússia, para outras ideias mais liberais e menos materialistas do que as concepções oficiais soviéticas. Conhece-se a curiosidade da juventude russa pelas questões religiosas. Não vimos um dirigente dessa juventude, Evutchenko, vir, por espírito de curiosidade é certo, mas vir a Fátima no último dia 13 de Maio? Símbolo evidente desta aproximação é a conversão da filha de Estaline que prendeu a atenção da imprensa de todo o Mundo esta Primavera.

Como negar depois de todos estes acontecimentos, que assistimos a um princípio de conversão do país pelo qual Nossa Senhora pediu que rezássemos e precisamente no ano em que triunfava a revolução marxista?

## CONCLUSÃO

A Constituição do Vaticano II sobre a Igreja contém um apelo aos baptizados para praticarem a santidade imitando a Virgem (Lumen Gentium art. 65). A mensagem de Fátima não é outra coisa. Mas este convite materno à perfeição é completado com promessas tão importantes que seremos insensatos se não dermos a essa realização toda a nossa alma. Estas promessas são-nos garantidas não só pela «Senhora que não mente» (como diziam os pastorinhos) mas também por um princípio de realização.

Os factos que acabo de citar (sem ter a pretensão de ter sido completo) e que fazem parte da história do nosso tempo mostram até à evidência que através da sua intervenção em Fátima, o Coração Imaculado de Maria prossegue um fim de misericórdia para com o povo cristão (Fátima é realmente uma grande manifestação e uma prova de que Deus age

permanentemente na Sua Igreja. — D. João Pereira Venâncio in Carta Pastoral pelo Cinquentenário —. «A prova disto não nos mostra apenas que o mundo sobrenatural existe tal como o define o Cristianismo mas também que a sua influência se exerce na história». — Cardeal Cerejeira, conferência em Roma a 11 de Fevereiro de 1967.

Mãe cheia de amor, Ela quer conduzir a Deus todas as almas desgraçadas e já conseguiu atrair multidões de todas as partes do Mundo; não mais quer ver os filhos de diversas raças odiar-se e matar-se. Vimos já muitos povos aproximarem-se sob a Sua protecção; quer particularmente conduzir na verdade este povo que A ama e A venera tanto, e vimos os seus dirigentes depois de terem durante tanto tempo perseguido os fiéis e insultado a **Sé de Pedro** aproximar-se pouco a pouco.

Infelizmente o triunfo que Maria prometeu com a nossa colaboração está bem longe de ser completo. A cortina de ferro abriu-se largamente mas existe ainda uma triste recordação, o muro de Berlim, o qual é indiscutivelmente um fruto desses «erros» rusos anunciados pela Senhora da Azinheira em 1917.

Isto e muitas outras coisas fazem com que a única verdadeira «profecia» de Fátima não esteja

ainda realizada. O Cardeal Cerejeira declarou um dia: «Fátima não disse ainda a sua última palavra: depois disso o fervor aumentará, o milagre crescerá e o mistério desenvolver-se-á.

Poderemos nós fazer melhor do que mostrar-lhe a nossa profunda gratidão ajudando-A no auxílio que Ela implora, fazendo-nos discípulos fervorosos e apóstolos zelosos da Sua mensagem, aumentando assim o poder de intercessão por nós do Seu Coração Imaculado?

Recordemos as palavras de Pio XII, palavras das quais se fizeram eco os gestos eloquentes de Paulo VI a 13 de Maio último: ««Para Fátima o tempo da dúvida passou, é tempo de passar à acção».

Terminando, ouçamos como nos exortava, a nós sacerdotes, S. E. o Cardeal Larraona na sua homilia em Fátima a 13 de Maio de 1963: «A mensagem de Fátima deve encontrar em nós, amados irmãos no sacerdócio, os seus mais ardentes apóstolos, os mensageiros mais zelosos fazendo-a conhecer aos fiéis. A vós compete transmitir às almas a exortação à oração e à penitência e de conservar a mensagem na sua pureza e integridade segundo os ensinamentos do Santo Padre e da Hierarquia Eclesiástica (Voz de Fátima 13 de Junho de 1963).

## QUER GANHAR DINHEIRO?

SE É JOVEM OU, PELO MENOS,  
NÃO SE SENTE VELHO . . .

SE É DINÂMICO . . .

SE SABE FALAR . . .

SE NO MEIO ONDE VIVE HÁ UM  
MÍNIMO DE CULTURA . . .

SE VIVE NO ESTRANGEIRO,  
TAMBÉM . . .

### ESCREVA-NOS

TEMOS UMA PROPOSTA A FAZER-LHE  
ESCREVA PESSOALMENTE E AGUARDE  
UMA RESPOSTA PESSOAL

POSSIBILIDADES DE UM VENCIMENTO  
EXTRA PARA AS SUAS NECESSIDADES  
OU SUAS DISTRAÇÕES

Dirija a sua carta a Dr. Mário de  
Figueiredo A/C de "Fátima-50"

FÁTIMA — PORTUGAL

## FÁTIMA

Cónego C. Barthas

No Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora em Fátima, veio a público a obra que se esperava:

### RIGOR HISTÓRICO INTUIÇÃO SOBRENATURAL

Os leitores que têm acompanhado o pensamento do autor através da sua colaboração na nossa revista podem, agora, penetrar na história de Fátima pela mão de um dos seus mais autorizados estudiosos e críticos.

FÁTIMA, do Cón. C. Barthas, é o seu manual de história do maior acontecimento do nosso século.

Preço: 80\$00 — Pedidos: a qualquer livraria ou à Editorial Aster.

Francisco Pereira de Oliveira

## OS SELOS DO CINQUENTENÁRIO

### Uma legenda errada na emissão do Ultramar

Nem sempre os selos estão isentos de falhas, erros, imperfeições, não só na parte tipográfica, como também na interpretação que o artista encarregado desejou dar às suas criações. Nem sempre estas estão isentas de falhas.

Geralmente, os erros filatélicos constituem um atractivo para os coleccionadores porque, embora fosse lógico que eles tornassem os selos sem qualquer valor, o facto é que os valoriza mais. E, quando alguém tem a sorte de encontrar selos errados, guarda-os muito bem guardados, porque pode suceder que neles esteja a sua fortuna. Um caso destes ocorreu, há meses, na Inglaterra.

A emissão de selos que o Ministério do Ultramar mandou fazer para comemorar o Cinquentenário das Aparições de Nossa Senhora de Fátima, nas províncias ultramarinas, não foi feliz. Parece-nos ter sido feita precipitadamente. Os desenhos são do pintor José de Moura, e os selos têm as dimensões de 25,4x34,5 mm, com as taxas de 1\$00 para Cabo Verde, de \$50 para a Guiné, de 2\$50 para S. Tomé e Príncipe, de \$50 para Angola, de \$50 para Moçambique, de 50 avos para Macau, e 3\$00 para Timor.



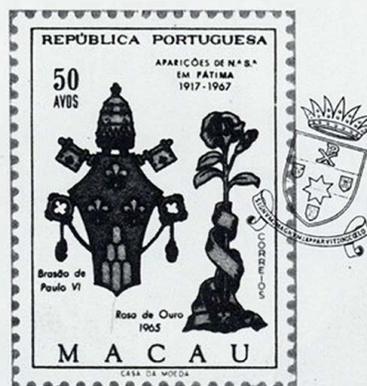
O selo de Cabo Verde tem gravada a imagem do Imaculado Coração de Maria, tal como é vulgar ver-se representada nas imagens que estão ao culto, imagens feitas segundo a descrição da vidente Lúcia.



Para Angola, o selo tem a figura da Basílica de Fátima com a colonata que a liga aos hospitais, vendo-se parte do recinto e da escadaria, no cimo da qual se encontra o altar das grandes celebrações.



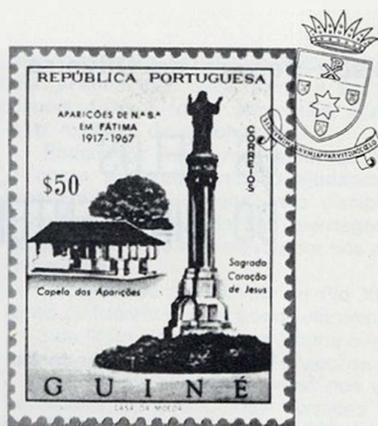
O selo da Província de Macau tem como motivos o brasão do Papa Paulo VI e a Rosa de Ouro. Não nos parece que tenham sido bem escolhidos estes motivos para esta Província. A Rosa de Ouro e o brasão do Santo Padre estariam bem para comemorar a entrega da estimada e significativa dádiva, em Maio de 1965. As aparições da Virgem em Fátima não podem ser representadas por outros motivos que não sejam a figura da SENHORA a falar aos três pastorinhos, tendo como testemunhas as brancas ovelhinhas e as rudes azinheiras de Fátima. No Extremo Oriente um selo com estes motivos seria sempre visto como representando a aparição da Virgem Santíssima na Cova da Iria. Não teria sido preferível repetir o selo de 1948 (Imagem de Nossa Senhora de Fátima com os pastorinhos), e a legenda do Cinquentenário das Aparições?



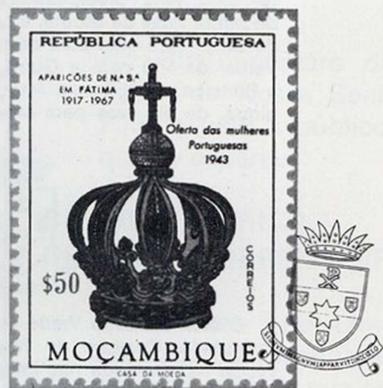
O selo da Guiné tem duas figuras: a da Capela das Aparições, e o Monumento ao Sagrado Coração de Jesus. A primeira bastaria, com uma legenda mais significativa. O monumento ao Sagrado Coração de Jesus não significa mais em Fátima do que o sinal da fonte da água milagrosa e então teríamos que legendar esta fonte e não o monumento.



Imagem de Nossa Senhora de Fátima Peregrina



O selo de Moçambique representa a Coroa de ouro oferecida pelas mulheres portuguesas a Nossa Senhora de Fátima em cumprimento do voto pela preservação de Portugal da guerra. Ter feito um selo com a coroa nesta altura e não o ter feito na ocasião da Coroação da Imagem de Nossa Senhora em 13 de Maio de 1946, acto presidido por um Cardeal Legado Pontifício, não parece ter sido o motivo mais bem escolhido para a comemoração do Cinquentenário das Aparições. Além de que falta na legenda o esclarecimento de que se trata da coroa de ouro e pedras preciosas oferecida pelas mulheres portuguesas a Nossa Senhora de Fátima.



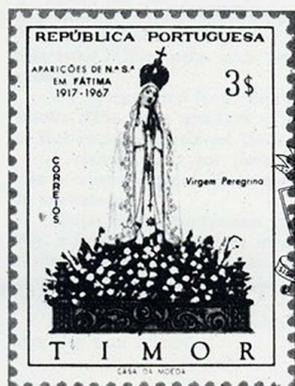
Ter colocado dois motivos de Fátima no selo de S. Tomé e Príncipe não nos parece ter sido a maneira feliz de comemorar o Cinquentenário. Bastaria um só motivo, com legendas fáceis de interpretar o significado da figura. O ano passado comemorou-se o Cinquentenário das Aparições do Anjo na Loca do Cabeço. Porque não ter feito um selo com as figuras do Anjo (o Anjo S. Miguel —o Anjo da Guarda de Portugal —) e os três pastorinhos, tal como estão representados na Loca do Cabeço, de Aljustrel, onde se deram os factos relatados na história de Fátima? Não fizeram os Correios do Vaticano, para a emissão do Cinquentenário, um selo com os três pastorinhos da Loca do Anjo, no Cabeço de Aljustrel? O conjunto, o aspecto e as cores deste selo não o tornam agradável.



Imagem de N. Sra. de Fátima, venerada na Capela das Aparições



O selo de Timor apresenta a figura de Nossa Senhora de Fátima no seu andor, ornamentado de cravos brancos. Não estaria mal esta figura para comemorar o Cinquentenário das Aparições. Acha-mo-la até dos melhores motivos para as comemorações. A imagem da Capela das Aparições representa para milhões de peregrinos que diante dela têm ajoelhado, a figura d'Aquela Senhora «mais brilhante do que o Sol», que há 50 anos desceu do Céu, à terra portuguesa de Fátima, para falar aos pastorinhos. O que não está certa é a legenda de «Virgem Peregrina» colocada ao lado da imagem. Esta legenda está errada.



A Virgem Peregrina é aquela imagem feita segundo a descrição da vidente Lúcia, e que em 13 de Maio de 1945 foi levada em peregrinação por todo o Mundo numa missão de paz e concórdia entre todos os povos. A sua concepção artística é diferente da imagem que se venera na Capela das Aparições, de Fátima. O próprio Ministério do Ultramar dedicou à peregrinação desta Imagem à Índia Portuguesa uma emissão com a figura da «Virgem Peregrina». Esta emissão constou de 8 valores e circulou em 1949.

A legenda deveria ser, por conseguinte; «Imagem da Virgem de Fátima venerada na Capela das Aparições», ou simplesmente «Nossa Senhora de Fátima». Poderá, para muitos, não ter importância uma legenda ou outra, mas tudo o que não corresponda à verdade é deturpação e falsidade.



Baixo relevo do altar de "Jesus entre os Doutores" na Basílica de Fátima

Três dias depois encontraram-nO no templo, sentado no meio dos mestres, ouvindo-os e fazendo-lhes perguntas. Todos os que O ouviam admiravam-se da Sua inteligência e das Suas respostas. Os Seus pais, ao vê-Lo, ficaram atônitos.

#### DIALOGO MISTERIOSO

### PERDA E ENCONTRO DE JESUS NO TEMPLO

E a Sua Mãe disse-Lhe: «Filho, por que procedeste assim connosco? Teu pai e eu andávamos, angustiados, à Tua procura». Disse-lhes Ele: «Por que me procuráveis? Não sabíeis que eu havia de estar na casa de meu Pai?»<sup>(2)</sup>. Eles não compreenderam a resposta que lhes deu.

#### A INFANCIA

«O Menino crescia e robustecia-se, enchendo-se de sabedoria, e a graça de Deus estava com Ele»<sup>(1)</sup>.  
Luc. 2, 40

#### OBEDIENCIA DE JESUS

Mas o Menino foi na companhia deles para Nazaré e vivia sob a autoridade de Seus pais. A Mãe guardava todas estas coisas no Coração<sup>(3)</sup>. Jesus progredia em saber, em físico e em graça perante Deus e os homens».

#### PERDA DE JESUS EM JERUSALÉM

«Todos os anos, por altura da festa da Páscoa, os Seus pais iam a Jerusalém.

Uma das vezes em que O levaram, segundo o costume da festa, já o Menino tinha doze anos, terminados os dias da festa, regressaram a casa, mas Jesus, sem que o tivessem notado, ficou em Jerusalém.

Pensando que Ele vinha na caravana, andaram uma jornada. Quando O foram procurar entre os parentes e conhecidos, não O encontraram. Voltaram a Jerusalém à procura d'Ele.

Luc. 2, 41-52

#### MEDITAÇÃO DO MISTÉRIO

Jesus tem já doze anos. Maria e José acompanham-nO a Jerusalém para a oração habitual daquela idade.

De repente desaparece dos seus olhos, embora vigilantes e amorosos. Grande preocupação naquela busca que dura três dias. É encontrado entre os assistentes no Templo. Estava a palestrar com os doutores da lei. Que palavras tão significativas as de São Lucas que no-lo descreve com precisão! Encontram-no sentado no meio dos doutores, a ouvi-los e interrogá-los, (Luc. 2, 46) na atitude de quem escuta e pergunta.

Aquele encontro com os doutores, então, era tudo: conhecimento, sabedoria, luz, prática na contemplação do Antigo Testamento.

Tal é, em qualquer momento, a missão da inteligência humana: recolher as vozes dos séculos, transmitir-nos a boa doutrina; dilatar, com humildade, o olhar da investigação científica sobre o futuro.

Cristo acha-se sempre ali, no meio, no Seu posto: «Eu sou o vosso Mestre» (João, 13, 13).

Esta quinta dezena dos mistérios gozosos é uma invocação especial em proveito de quantos são chamados ao serviço da verdade e da caridade, na investigação, no ensino, na difusão das novas técnicas audiovisivas, impelindo a amar Jesus: cientistas, professores, mestres, jornalistas, estes especialmente, pela tarefa característica de fazer sempre as honras à boa doutrina na sua pureza, sem deformações fantásticas.

S.S. João XXIII.

## COMENTARIO

### I — A INFANCIA DE JESUS

Se os «Apócrifos» não fossem tão extraordinariamente fantasiosos, seriam as fontes ideais para vermos crescer o Menino Jesus, entre Seus pais, em Nazaré, atravessando o pórtico breve de duas ou três frases do Santo Evangelho.

No entanto, outras fontes históricas e arqueológicas dão-nos alguma luz sobre esse longo período, cerca de trinta anos, da vida do Salvador.

São Marcos, 6, 2, narra a estranheza dos que escutavam Jesus, perante o Seu conhecimento das Sagradas Letras: «Onde aprendeu Ele estas coisas? Quem Lhe deu tal sabedoria?».

Nazaré era uma insignificante aldeia, quase absolutamente desconhecida antes e durante a vida de Cristo.

Não devia existir lá qualquer das famosas escolas rabínicas onde se aprendia e interpretava a Lei e os Profetas. Mas existiria uma espécie de escola primária, dependente da Sinagoga onde, sob a direcção de um mestre, as crianças seriam instruídas na Tora.

Se o Menino progredia em saber, é natural que aprendesse com facilidade e decorasse depressa os versículos da Escritura, aliás como a generalidade dos companheiros da Sua idade, vivos, inteligentes.

De resto, ninguém poderia perceber nada de extraordinário naquele Menino que, não obstante, tinha o mundo nas mãos.

### II — JESUS FICA EM JERUSALÉM

Três eram as solenidades em que todo o israelita piedoso subia a Jerusalém para sacrificar ao Senhor. As mulheres não estavam obrigadas a essas peregrinações, e as crianças, antes dos treze anos, também não. Contudo, algumas escolas rabínicas aconselhavam a ida dos meninos, contanto que estes pudessem já subir as escadas do templo apenas com a ajuda da mão do pai, como ensinavam os discípulos de Hillel.

Vários Salmos foram compostos para os peregrinos cantarem pelo caminho, os Salmos graduais ou cánticos das peregrinações, como são os Salmos 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132 e 133.

Ao ritmo cadenciado de expressões como estas: «Enchi-me de gozo quando me disseram: iremos à casa de Jahvé; os nossos pés já chegam, Jerusalém, às tuas portas» (Sal. 121); «A ti levanto os meus olhos, Tu que habitas nos céus» (Sal. 122); «Ditoso todo aquele que teme a Jahvé, e anda pelos Seus caminhos» (Sal. 127); «Quando Jahvé fez regressar os cativos a Sião, ficamos como que a sonhar» (Sal. 126); «Como é belo e agradável os irmãos viverem em união!» (Sal. 132). os peregrinos subiam das suas terras, por longínquas que estivessem, à cidade santa de Jerusalém.

Juntavam-se todos e dividiam-se em dois grupos, um dos homens e outro das mulheres, indo as crianças, indiferentemente, ora com um, ora com outro.

Uma das festas em que os israelitas iam a Jerusalém, era a da Páscoa, celebrada no mês de Nisan, entre os nossos Março e Abril actuais, começando as solenidades no dia 14 de Nisan à tarde, e prolongando-se durante os oito dias seguintes, dias «Ázimos», por via do pão sem fermento que então se comia. Era a memória da libertação do cativo do Egípto. As outras duas festas eram a de Pentecostes e a dos Tabernáculos.

Foi por altura de uma festa pascal em que os pais de Jesus levaram o Menino a Jerusalém — eles costumavam lá ir todos os anos — que se deu este episódio contado por São Lucas. Não se sabe se era a primeira vez que levavam o Menino ou se já fora com eles das outras vezes, mas foi nesta quando já tinha doze anos, que Ele se deixou ficar em Jerusalém deixando partir, de regresso à sua terra, os peregrinos do Seu grupo e, com eles, Seus pais.

Só deram pela falta de Jesus depois de uma jornada, supondo José que Ele ia com Maria, pensando Maria que Ele ia com José, no grupo dos homens.

Não O encontrando quando se juntaram para o repouso e refeição, voltaram para trás à Sua procura.

Os rabinos sentavam-se nos pórticos do Templo e ao redor deles se juntavam quantos desejavam conhecer o sentido da Lei ou precisavam de resolver quaisquer dúvidas. No meio deles se infiltravam, muitas vezes, as crianças, algumas das quais surpreendiam os mestres com a espontaneidade, precisão e argúcia das suas respostas e perguntas. como de si mesmo conta o historiador Flávio Josefo, quem nos dá conta de todos estes portenhores.

Ali encontraram Jesus, depois de três angustiosos dias à procura d'Ele. Jesus admirava os velhos com a inteligência que as Suas respostas revelavam. Seus pais também ficaram atônitos.

A resposta dada por Jesus à interrogante queixa de Sua Mãe — repare-se que é Maria que fala e não José — nada tem de irreverente.

Muitas coisas permaneciam ainda misteriosas para a Virgem Mãe, e a missão de Jesus era uma delas, embora não completamente, pois já na apresentação no Templo, parte do véu fóra corrido pela revelação de Simeão: «este Menino vai ser um sinal de contradição».

Jesus esclarece Seus pais sobre o Seu próprio destino e vem com eles para Nazaré.

### III — A VIDA EM NAZARÉ

Entramos novamente em Nazaré, entramos novamente no mistério da vida laboriosa de Jesus.

José, Seu pai adoptivo ou legal, era carpinteiro, mais provavelmente que ferreiro, mas, decerto, exerceria também essa profissão e até outros trabalhos quando se apresentasse a ocasião.

É ele quem vai educar Jesus, ensinando-Lhe a sua arte e inculcando-Lhe o amor ao trabalho, aliás uma virtude cultivada, no caso do trabalho manual, pelos grandes mestres e chefes de Israel.

Numa casa semi-subterrânea, escavada na rocha mole, aberta ao exterior por uma só porta que servia ao mesmo tempo de chaminé, numa única dependência, se desenrolou a vida íntima de Jesus com Seus pais: o repouso, as refeições, a oração em comum.

Nada nos é lícito imaginar além do que nos permite a tradição arqueológica, e por isso é preferível, também nós, guardarmos no nosso coração, como a Virgem Maria, as palavras

que o Evangelista São Lucas nos diz a esse propósito: «Jesus progredia em saber, em físico e em graça perante Deus e os homens».

Guardemos estas palavras no nosso coração e meditemos na profunda humildade de um Deus que se digna vir viver no meio dos homens a sua mesma vida e a vida dos homens mais humildes entre os homens, obedecendo, com simplicidade, a Maria e a José.

## ORAÇÃO

**Virgem Bendita, que conserváveis no Vosso dulcíssimo Coração, como precioso tesouro, as palavras do Vosso Filho Jesus, e reflectindo sobre os sublimes mistérios que encerravam, não sabeis viver senão por Deus.**

**Como me confunde a frialdade do meu coração!  
Ah! querida Mãe!**

**Alcançai-me a graça de que, meditando constantemente na santa lei de Deus, procure imitar-Vos no fervoroso exercício das virtudes cristãs.**

Pio IX

(1) À medida que crescia corporalmente assim a natureza divina manifestava a Sua própria sabedoria, diz São Cirilo, pois se revelasse toda a sapiência enquanto era Menino, diz Teofilacto, isso pareceria um prodígio, o que não convinha à economia da Providência sobre a presença de Seu Filho entre os homens.

(2) A Vulgata diz: «ocupar-me nas coisas de meu Pai». De qual-quer das formas Jesus indica qual a Sua missão na terra.

(3) Tal como na altura da visita dos pastores, assim aqui revela São Lucas, discretamente, uma das suas fontes de informação, ao mesmo tempo que o espírito reflexivo da Virgem Maria.



### DESCEU DO CÉU NUM RAIOS DE LUZ

Um disco «Alvorada» — 33 r/m  
Peça da autoria de Alice Ogando, interpretada, entre outros, por: Eunice Muñoz, Mariana Rey Monteiro, Carmem Dolores, Cecília Guimarães, Armando Cortez, João Perry, Assis Pacheco, Álvaro Benamor, etc.  
— Cópias em português, inglês e francês.  
— À venda nos estabelecimentos do Santuário de Fátima.

## PAULO VI EM FÁTIMA



Está à venda, o artístico album comemorativo da Peregrinação de Paulo VI a Fátima, edição da Comissão Central do Cinquentenário.

Dirija os seus pedidos à referida Comissão, Fátima, ou à Administração de "FATIMA-50", Fátima.

Esta publicada la edición castellana de este magnífico album conmemorativo de la peregrinación de Su Santidad Paulo VI a Fátima.

Puede requisitar los ejemplares que desee a la Administración de "FATIMA-50", Fátima - Portugal

Now, ON SALE... The English edition of this beautiful book, telling all about the Pilgrimage of Paul VI to Fatima.

You can order it at "FATIMA - 50"  
Fatima - Portugal

Preço - Precio - Price : Esc. 150

## RESÚMENES

### ESTOS MENSAJES DE PAZ

Los recientes mensajes de Paulo VI son angustiosos apelos en favor de la paz del mundo que tan amenazada se encuentra. En los referidos mensajes que hemos publicado en la íntegra en el pasado número, el Papa nos indicaba cuales los fundamentos de la paz que se inicia en el corazón de los hombres y solamente después se realiza en la sociedad. Insiste aun en el pensamiento que ya habia expuesto en Fátima, el 13 de mayo, o sea el hecho de ser la paz «un don de Dios», pero un don que los hombres, al pedirselo, han de merecer con su modo de vida, con el empleo de sus energías en la conquista del progreso para todo mundo y en las victorias de la paz.

Los mensajes de paz de Paulo VI son un eco del mensaje de paz del Evangelio, de la Paz de Cristo, y también de aquella misma paz que la Virgen vino a anunciar en Fátima, como no podia dejar de serlo pues Fátima es una actualización del Evangelio. También Nuestra Señora, en Fátima, nos apunta, en primer lugar, cuales los fundamentos íntimos de la paz y son la «penitencia y la oración».

En el cumplimiento del mensaje de Fátima tenemos nosotros una garantía para conseguir la paz del mundo. Habiendo comenzado el año 1968 con un día consagrado a «oraciones, pensamientos y acciones de paz», debemos continuar con estos mismos sentimientos para conseguirnos su realización efectiva, a comenzar por nosotros mismos, en todo mundo.

### LAS PROMESAS DE NUESTRA SEÑORA EN FÁTIMA

Publicamos en éste número la última parte del importante estudio del Canónigo Barthas, sobre el cumplimiento de las promesas que la Santísima Virgen hizo en Fátima. En la parte final nos habla de la consagración de Rusia al Inmaculado Corazón de María y de su conversión.

La Virgen dijo que si no hiciesen lo que ella pedía, Rusia continuaria a desparramar por el mundo sus errores, provocando guerras, muchas naciones serian destruidas, el Santo Padre tendria mucho que sufrir y muchísimos cristianos serian perseguidos y martirizados. El autor va recorriendo la historia de estos últimos cincuenta años para nos señalar con cifras y nombres el cumplimiento de ésta parte negativa de la promesa de Nuestra Señora, por que no se hizo lo que ella pidió. Pero nos habla también de que Rusia no solo ha sido consagrada al Inmaculado Corazón de María, por Pio XII, en la consa-

gración de todo el mundo, mas aun y particularmente en la especial consagración de todos los pueblos de Rusia al Corazón de María, en la Carta-encíclica a todos los Pueblos de Rusia, consagración ésta que ha sido renovada en el último Concilio Ecueménico, por Paulo VI el cual afirmó que renovaba la consagración que su predecesor Pio XII hiciera.

Mientras tanto se notan ciertos síntomas de conversión, en Rusia; cierta aproximación, diplomática al menos, entre Rusia y la Santa Sede y entre ésta y algunos países satélites de Rusia; alguna libertad para los Pueblos que fueron completamente sometidos por Rusia con motivo de la Guerra Mundial última.

Pero el triunfo del Corazón de María que la Virgen nos prometió, esta lejos de ser completo y necesita de nuestra cooperación para que se realice. Por lo tanto, dice, en conclusión, el autor, repitiendo palabras de Pio XII: «Para Fátima el tiempo de duda ha pasado; es ya tiempo de pasar a la acción», palabras éstas de que se hicieron eco los gestos y palabras de Paulo VI el 13 de mayo en la Cova da Iria.

### LAS APARICIONES MARIANAS EN EL AMBIENTE ECUMENICO

Publicamos en éste número la primera parte de un trabajo presentado en el último Congreso Mariano Internacional que tuvo lugar en Fátima el mes de agosto del 67, por el R. P. Henrique del Sagrado Corazón, y bajo el título: LAS APARICIONES MARIANAS EN EL AMBIENTE ECUMÉNICO.

El autor, en su estudio, nos presenta la posición adoptada por algunos católicos y por otros cristianos no católicos, pero inspirados por el movimiento ecuménico, delante de las apariciones de Nuestra Señora. Después de una introducción en que nos dice lo que entiende por medio o ambiente ecuménico, nos muestra como ni todos los católicos han sido coherentes con su fe y la obediencia que deben a la Iglesia, pretendiendo ser más papistas que el Papa o, entonces, de una extremada credulidad que en nada favorece la piedad verdadera y verdadera devoción para con la Madre de Dios cuyas apariciones tanto la han favorecido cuando son bien comprendidas y sus mensajes puestos en práctica.

El caso de los protestantes es diferente por no tener ellos para con la Madre de Dios los mismos sentimientos que nosotros. Para esos, las apariciones marianas son un problema más difícil de resolver y, sobre todo de aceptar, lo que no obsta a que algunos de entre sus teólogos se hayan volcado sobre el asunto y llegado a la conclusión de que el milagro, una vez que es posible, pueda haber revestido esa forma de manifestación como que material de la Santísima Madre de Dios para de algun modo, lo único que ellos admiten, renovar el mensaje evangélico.

Se trata de un estudio largo y serio. Pensamos haber resumido lo esencial del pensamiento del autor, pero su trabajo merece ser leído con más atención para se poder comprender un

cierto número de fenómenos que las realaciones fieles — apariciones de Nuestra Señora, católicos — protestantes — apariciones marianas, suponen.

### FILATELIA

El verano próximo va a realizarse en Fátima una exposición internacional de sellos de temática mariana. Va a ser una de las celebraciones cincuentenarias más del gusto de los coleccionadores profesionales o amadores de sellos de correo. La filatelia, entre tantas de sus ventajas no podia dejar de tener ésta de nos elucidar sobre la devoción a la Virgen en todo mundo, sobre la historia de los más célebres santuarios marianos y la más memorables apariciones marianas. Todo eso se podrá observar con riqueza de detalle, por se reuniren en Fátima las mejores colecciones del mundo en dicha exposición.

Sobre el tema, nuestro distinguido colaborador Don Francisco Pereira de Oliveira esta publicando una serie de artículos en los cuales estudia la filatelia mariana relativa a Fátima. Nuestros lectores podrán acompañar la interesante exposición, ilustrada con los respectivos sellos, y de la cual iremos dando los resúmenes para facilitar el trabajo a los amigos que no comprenden tan bien el portugués.

Para informaciones sobre la exposición, los interesados deben dirigirse al mismo señor Pereira de Oliveira, Santuario de N. S. de Fátima, Fátima - Portugal, que les dara, con mucho gusto, todos los datos pedidos. Nuestra revista puede hacerse cargo de la correspondencia recibida con ésta finalidad.

### MANUEL DOS SANTOS (HERMANO DE LUCIA) EN FÁTIMA

Ausente hace cuarenta y cuatro años en Brasil, solamente ahora, después de todos éstos años sin contactar con la familia, el sr. Manuel dos Santos, más conocido por Manuel Abóbora (calabaza), se decidió volver a Portugal para visitar sus hermanos y los lugares de su juventud. De 72 años de edad, solo tenia, hasta hace muy poco, dos aspiraciones en su vida: poseer una casita y la tierra que cultivaba en la ciudad de Asís, Estado de São Paulo, y volver a Portugal a visitar sus parientes. Este su último deseo acaba de ser satisfecho gracias a la camaradería de otros compatriotas residentes en Brasil. La primera de sus aspiraciones, ojalá que pronto sea también una realidad, por intercesión de la Virgen a quien el sr. Manuel ha pedido las dos gracias. Ha visitado, en Coimbra, a su hermana Lucia, la única vidente de Fátima aun viva, residente en el Carmelo de dicha ciudad, donde es religiosa profesa. Con ella ha cambiado sus recuerdos, pero no han hablado de nada que pueda despertar la curiosidad de las gentes. Pasa aun algunos dias con sus hermanos, en Fátima, antes de volverse a Brasil donde tiene sus hijos y su vida.

## RÉSUMÉS

### CES MESSAGES DE PAIX

Les récents messages de Paul VI sont des appels angoissés en faveur de la paix du Monde, paix si menacée. Dans ces messages, que nous avons publiés intégralement dans notre dernier numéro, le Pape indiquait quels fondements de la paix débutent dans le cœur de l'homme pour devenir, seulement après, réalité dans la société. Il revient encore sur la pensée, déjà exprimée à Fatima le 13 mai, que la paix en elle-même est un «don de Dieu» mais un don que les hommes, tout en le demandant, doivent mériter par leur manière de vivre, par l'emploi de leurs forces, à la conquête du progrès en faveur de tous, et, dans les victoires de la paix.

Les messages de paix de Paul VI sont un écho du message de Paix de l'Évangile, de la Paix du Christ et aussi de cette même paix que Notre-Dame est venue annoncer à Fátima, ce qu'elle ne pouvait manquer d'être puisque Fatima est une actualisation de l'Évangile. Aussi, à Fatima, Notre-Dame nous indique-t-elle, en tout premier lieu, quels sont les véritables fondements de la paix: «la pénitence et la prière».

En accomplissant le Message de Fatima, nous avons, nous, la certitude d'obtenir la paix du Monde. Ayant commencé l'année 1968 par un jour consacré à des «prières, pensées et actions de paix», nous devons continuer dans ces mêmes sentiments pour obtenir en commençant par nous, leur réalisation effective dans le Monde entier.

### LES PROMESSES DE NOTRE-DAME A FATIMA

Nous publions dans ce numéro la dernière partie de l'étude importante du Chanoine Barthas sur l'accomplissement des promesses de la Vierge Marie à Fatima. Dans cette partie finale il nous parle de la consécration de la Russie au Cœur Immaculé de Marie et de sa conversion.

Notre-Dame avait dit que si on ne faisait pas ce qu'Elle demandait, la Russie continuerait à répandre ses erreurs dans le Monde, en provoquant des guerres, que plusieurs Nations seraient détruites, que le Saint-Père aurait beaucoup à souffrir et que de nombreux chrétiens seraient persécutés et martyrisés. L'auteur va recourir à l'histoire des cinquante dernières années pour nous montrer par des chiffres et des noms l'accomplissement de cette partie négative de la promesse de Notre-Dame, parce que on n'a pas fait ce qu'Elle demandait. Mais il nous parle aussi de la Consécration de la Russie au Cœur Immaculé de Marie. Ce pays fut consacré Par Pie XII non seulement dans la

consécration générale de tout le Monde, mais encore et particulièrement dans une consécration spéciale de tous les peuples de la Russie au Cœur de Marie par la Lettre-Encyclique à tous les Peuples de Russie, consécration qui fut renouvelée au dernier Concile Oecuménique, par Paul VI affirma renouveler la consécration que son prédécesseur Pie XII avait fait.

Dans l'intervalle on note certains indices de conversion, en Russie; certain rapprochement, diplomatique pour le moins, entre la Russie et la Saint Siègle et entre ce dernier et quelques pays satellites de la Russie; une légère liberté donnée aux Peuples qui furent complètement dominés par la Russie à l'occasion de la Guerre Mondiale 1939-1945.

Mais le triomphe du Cœur de Marie, promis par Notre-Dame, est loin d'être complet; il a besoin de notre coopération pour se réaliser. Toutefois, conclut l'auteur, répétant une parole de Pie XII: «Pour Fatima, le temps du doute est passé, il est temps de passer à l'action» phrase dont firent écho les gestes et les paroles de Paul VI le 13 mai à la Cova da Iria.

### LES APPARITIONS MARIALES DANS L'AMBIENCE OECUMÉNIQUE

Dans ce numéro nous publions la première partie d'un travail, présenté sous le titre en épigraphe, par le R. Père Henry du Sacré Cœur, au dernier Congrès International, Congrès réalisé à Fatima en Août 1967.

L'auteur, dans cette étude, nous présente la position adoptée par certains catholiques et par d'autres chrétiens non catholiques, mais inspirés du mouvement oecuménique, en face des apparitions de Notre-Dame. Après une introduction où il nous dit ce qu'il entend par milieu ou ambiance oecuménique, il nous montre combien tous les catholiques, eux-mêmes, n'ont pas été logiques avec leur foi et l'obéissance qu'ils doivent à l'autorité de l'Eglise, prétendant être, ou plus papistes que le pape, ou, d'un autre côté, d'une crédulité excessive, ce qui ne favorise en rien la vraie piété et dévotion vis de la Mère de Dieu. Les apparitions de Notre-Dame favorisent cette piété dans la mesure où elles sont bien entendues et ses messages bien compris et mis en pratique.

Le cas des protestants est différent car ils n'ont pas envers la Mère de Dieu les mêmes sentiments. Pour eux, les apparitions mariales sont un problème plus difficile à résoudre et, surtout, à accepter. Ceci n'a pas empêché quelques uns de leurs théologiens de se pencher sur le sujet et d'arriver à cette conclusion que le miracle, une fois reconnu possible, peut prendre cette forme de manifestation comme moyen employé par la Très Sainte Mère de Dieu pour, d'une certaine façon, l'unique admise par eux, renouveler le message évangélique.

Etude profonde que celle de l'auteur! Nous pensons avoir résumé l'essentiel de son travail qui mérite d'être médité pour comprendre un certain nombre de phénomènes liés aux relations: fidèles-apparitions de Notre-Dame; catholiques — protestants — apparitions mariales.

### PHILATÉLIE

L'été prochain, aura lieu, à Fatima, une Exposition Internationale de Timbres à Thème Marial. Ce sera, des manières de célébrer le Cinquantenaire, une des plus goûtées par les collectionneurs professionnels ou les amateurs de timbres. Entre autres avantages, la Philatélie ne pouvait manquer d'avoir celui de nous éclairer sur la dévotion à Notre-Dame dans le Monde entier, sur l'histoire des plus célèbres sanctuaires dédiés à Marie et des apparitions mariales les plus mémorables. Les meilleures collections du Monde devant être rassemblées à Fatima pour cette exposition, tout ceci pourra être observé avec abondance de détails. Sur ce thème notre collaborateur, Mr. Francisco Pereira de Oliveira, va publier une série d'articles ou il étudie la philatélie mariale relative à Fatima. Nos lecteurs pourront suivre l'intéressante exposition, illustrée des timbres respectifs, et, dont nous donnerons les résumés pour en faciliter la compréhension aux amis qui ne savent pas le portugais.

### MANUEL DOS SANTOS (FRERE DE LUCIE), A FATIMA

Absent, au Brésil depuis quarante quatre ans, c'est seulement maintenant que Mr. Manuel dos Santos, connu sous le nom de Manuel Citrouille après être resté sans contact avec sa famille, s'est décidé à revenir au Portugal pour revoir ses soeurs et les lieux de son enfance. Il a 72 ans et, aspirait, depuis peu à deux seules choses: devenir propriétaire du terrain de la maison où il vit et revenir au Portugal visiter les siens. Ce dernier désir vient d'être satisfait grâce à la gentillesse d'autres de nos compatriotes résidant au Brésil. Nous souhaitons que le premier devienne également et vite une réalité, par l'intermédiaire de Notre-Dame à qui Mr. Manuel a demandé ces deux faveurs. Il a visité sa soeur Lucie, la voyante de Notre-Dame, actuellement résidente au Carmel de Coimbra où elle est professe. Il a échangé avec elle les impressions heureuses de sa vie, il lui a parlé aussi des jours moins heureux et il a reçu de sa soeur religieuse des paroles de réconfort et de charité fraternelle du meilleur aloi. Il resta encore quelques jours près de ses soeurs, à la Cova da Iria et autres lieux de Fatima, avant de retourner au Brésil où il a sa vie.

### LA BELLE DAME VETUE DE LUMIERE

Une pièce basée sur les Apparitions de Fátima par Alice Ogando  
Un disque «ALVORADA-International», 33 1/3 r/m  
En vente aux magasins du Sanctuaire.

## SUMMARY

### THOSE MESSAGES OF PEACE

The recent messages of Pope Paul VI are anguished appeals for peace in the world, now so much threatened. In these messages, which we published in their entirety in our last number, the Pope pointed out the foundations of peace which originates in the heart of man and only afterwards is realized in society. His Holiness insists again on the thought which he had already expounded at Fatima on the 13th of May, the fact that peace constitutes a «gift of God» and that men, on asking for it, ought to merit it by their manner of life, in the employment of all their energies towards the conquest of progress for all peoples and in the victories of peace.

The Pope's messages of peace are an echo of the message of Peace in the Gospel, of the Peace of Christ and also that same peace which Our Lady came to announce at Fatima, which cannot but be, seeing that Fatima is an actualization of the Gospel. Also at Fatima, Our Lady points out to us, in the first place, the intimate foundations of peace, which are «penance and prayer».

In the fulfillment of the Message of Fatima we have a guarantee of obtaining peace for the world. And now, having begun the year 1968 with a day dedicated to «prayers, thoughts and actions of peace», we ought to continue with these same sentiments, beginning from ourselves, in order to obtain their effective realization in the entire world.

### THE PROMISES OF OUR LADY AT FATIMA

We publish in this number the last part of this important study of Canon Barthes about the fulfillment of the promises of the Virgin Mary at Fatima. In this final part he speaks to us about the consecration of Russia to the Immaculate Heart of Mary and its conversion.

Our Lady said that if her requests were not heeded, Russia would continue to spread its errors throughout the world, wars would break out, many nations would be destroyed, the Holy Father would have much to suffer and many Christians would be persecuted and martyred. The author has recourse to the history of these past fifty years, indicating by dates and names the fulfillment of this negative part of the promise of Our Lady, as Her requests were not carried out. But he tells us also that Russia was not only consecrated to the Immaculate Heart by Pope Pius XII in the consecration of the whole world, but further and in a particular manner when all the peoples of Russia were consecrated to the Immaculate

Heart of Mary in an Encyclical Letter to all the Peoples of Russia, which consecration was renewed at the last Ecumenical Council by Pope Paul VI when he confirmed his renewal of the consecration made by his predecessor Pope Pius XII.

Meanwhile, certain signs of conversion can be noted in Russia. There is a certain approximation, at least diplomatically, between Russia and the Holy See, as well as between the Holy See and other satellite countries of Russia. Some liberty has been given to the peoples who were absolutely dominated by Russia on the occasion of the World War, 1939-1945.

But the triumph of the Heart of Mary which Our Lady promised us, is far from being complete, and our cooperation is needed for its realization. Then, in conclusion, the author says, repeating the words of Pope Pius XII: «For Fatima, the time of doubting has passed, it is now time to pass on to action», words which were echoed in the gestures and words of Pope Paul VI on the 13th of May in the Cova da Iria.

### MARIAN APPARITIONS IN THE ECUMENICAL SPHERE

We publish in this number the first part of a work, presented at the last International Marian Congress which took place at Fatima in the month of August 1967, submitted by Rev. Fr. Henrique of the Sacred Heart under the above title.

The author, in his study, shows us the position adopted by certain Catholics and other non-Catholic Christians inspired by the ecumenical movement, in regard to the apparitions of Our Lady. After an introduction which indicates what he understands to be an ecumenical way or sphere, he shows us how not all Catholics have been consistent in the faith and obedience which they owe to the authority of the Church, who claim to be more papistic than the Pope, or show such an exorbitant credulity which in no wise favours the true piety and devotion to the Mother of God whose apparitions so much favour this when they are well understood, and Her messages perceived and put into practice.

The case of Protestants is different for they do not have the same sentiments as we have towards the Mother of God. For them the Marian apparitions are a more difficult problem to resolve and, above all, to accept, which however does not hinder some of their theologians from pondering the matter and arriving at the conclusion that the miracle, once it is possible, could have taken on this material manifestation of the Blessed Mother of God so as to, in some way, renew the evangelical message.

This profound study, of which we have summarized the essential points, merits deep reflection and mediation in order to understand a certain number of phenomena connected with the respective relations: faithful — apparitions of Our Lady, Catholics — Protestants — Marian apparitions.

### PHILATELY

Next summer there will be an International Exhibition of Marian Stamps in Fatima. This will be one of the Golden Jubilee celebrations most pleasing to professional and amateur stamp collectors. Philately, among so many advantages, could not omit this theme in order to offer elucidation about devotion to Our Lady throughout the whole world, the history of the more famous Marian shrines and of the more notable Marian apparitions. All this can be observed in its richness of detail at the coming Exhibition, for there will be gathered in Fatima the best collections in the world. Concerning this theme, our collaborator, Mr. Francisco Pereira de Oliveira, is publishing a series of articles about Marian philately relative to Fatima. Our readers will be able to follow this interesting exhibition, illustrated with respective stamps, of which we will give summaries in the various languages so as to facilitate matters for our friends who do not know Portuguese.

### MANUEL DOS SANTOS (LUCIA'S BROTHER) IN FATIMA

Only now, after an absence of forty four years in Brazil without ever contacting his family, Mr. Manuel dos Santos, known as Manuel Abóborá, decided to return to Portugal to visit his sisters and the place of his childhood. He is now 72 and had, until recently only two desires: to own the land on which his home is built and to return to Portugal to visit his relatives. This last desire has just been granted, thanks to the comradeship of his fellow countrymen resident in Brazil. The first desire we also hope will become a reality very soon, through the intercession of Our Lady to whom Manuel prayed for these two graces. He visited his sister Lucia, the seer of Our Lady, a professed religious in the Carmelit Convent, Coimbra, with whom he shared his experiences of life, both pleasant and painful, and received from her precious words of comfort and fraternal affection.

Manuel is passing some further days with his relatives in the Cova da Iria and other parts of Fatima, before returning to Brazil to resume his way of life.

### THE LADY CLOTHED IN LIGHT

A play based on the Apparitions in Fátima by *Alice Ogando*.  
L P «ALVORADA - Internationals».

On sale at the shops of the Sanctuary.



# FÁTIMA NO MUNDO

## GANÁ

### Diocese de Kumasi

Nesta diocese africana existem duas igrejas dedicadas a Nossa Senhora de Fátima. De comum, estas duas igrejas têm as características da pobreza e simplicidade e ainda a circunstância de terem sido construídas para substituir outras tantas igrejas destruídas por um furacão. São elas:

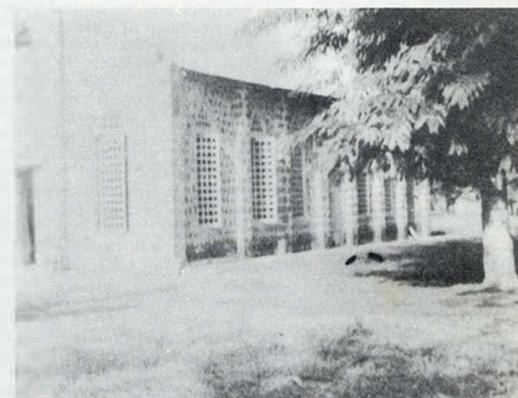
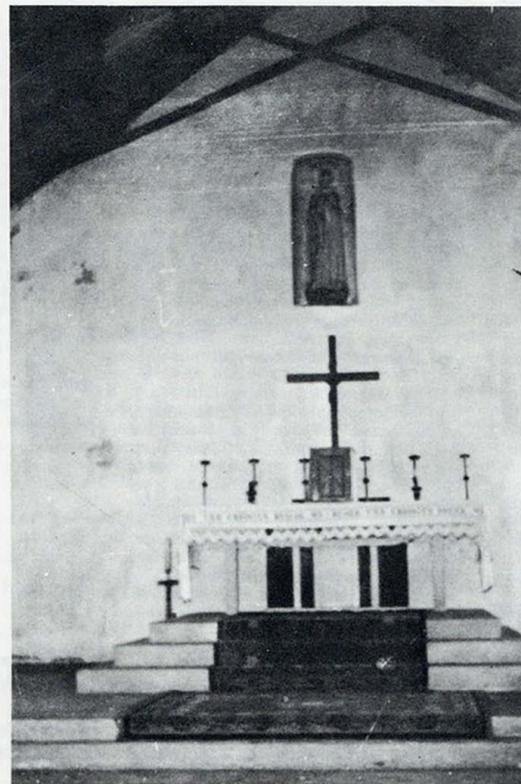
#### WENCHI

Igreja de Nossa Senhora de Fátima, edificada em 1954, da qual oferecemos uma vista geral do interior e outra de pormenor do altar-mor.

#### SAMPA

Igreja de Nossa Senhora de Fátima, construída em 1936 em substituição da anterior, de 1929. Oferecemos uma vista parcial do exterior.

A notícia e as fotografias foram-nos enviadas pelo senhor Bispo da Diocese cuja assinatura é irreconhecível.



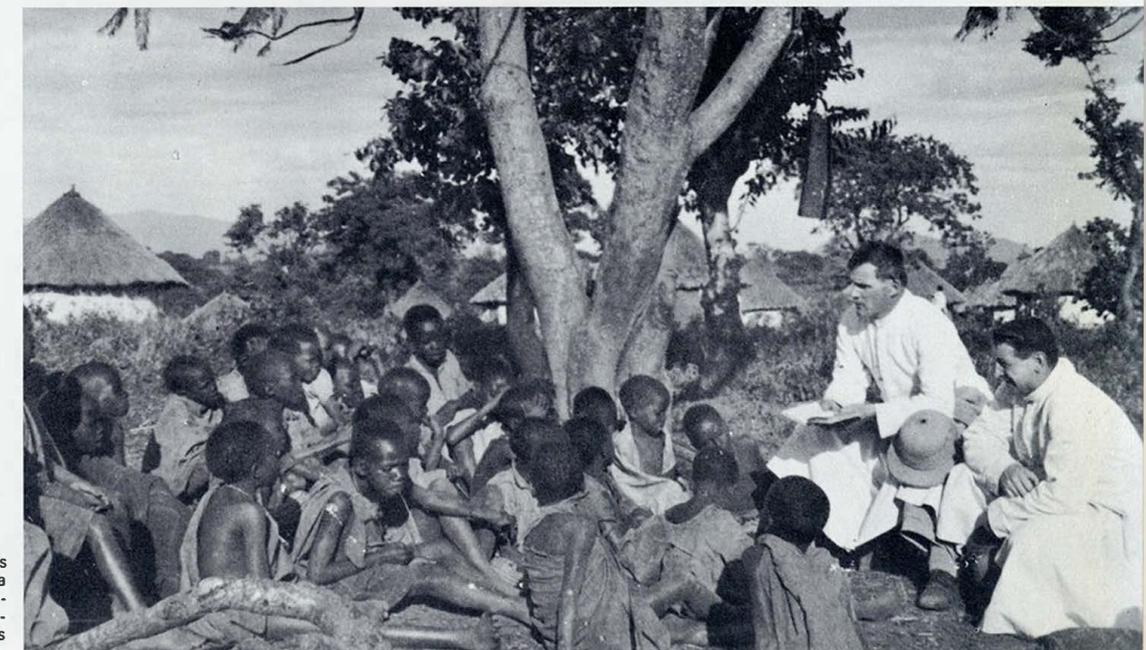
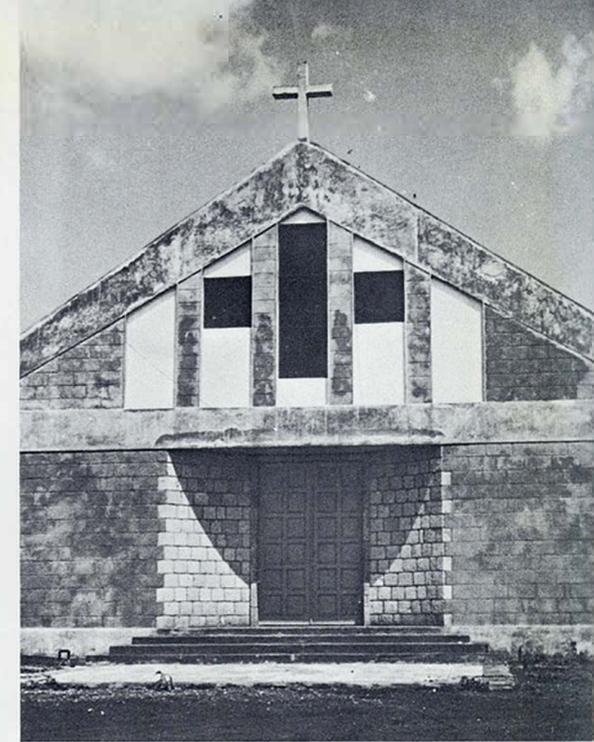
## QUÉNIA

### Diocese de Meru

De entre as vinte e uma missões desta Diocese, uma é dedicada a Nossa Senhora de Fátima e tem uma interessante história. A paróquia conta com 5000 católicos entre 30 000 pagãos. A igreja começou a edificar-se em 1958, data da inauguração da Missão, e benzida em 1964. Sobre o altar-mor, uma pintura mural de 3x4 metros, representa Nossa Senhora e os três pastorinhos.

A Missão está situada numa zona até então proibida aos católicos. Foi aberta graças a Nossa Senhora de Fátima, o que surpreendeu os católicos que pensavam ser-lhes impossível entrar em Kiirua. Hoje, a Missão conta com oito escolas, todas sob a protecção e com o nome de Nossa Senhora de Fátima. Também existem algumas pequenas e pobres capelas, provisórias, das quais oferecemos vistas durante a «Peregrinação Mariae» ou seja, visita da Virgem Peregrina. Esta «peregrinação de Maria» tem-se realizado, recentemente, noutras muitas missões da Diocese.

Notícia e fotos enviadas pelo Director da Acção Católica, Revdo. Pe. J. Bonzanino.



No Quénia, junto às construções sólidas, observa-se a existência de uma igreja nascente, na humildade e na fé que se manifesta onde quer que dois ou três se reunam em nome de Cristo.

A pobreza do lugar não invalida a piedade mariana e devoção dos ganeses a Nossa Senhora de Fátima.



A mancha colorida que os "Requetes" deixaram em Fátima é uma página da história da piedade mariana dos espanhóis.

